

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

**Comunicação do bebé desde o nascimento, e a sua importância na
aquisição da linguagem verbal**

Relatório Final realizado no âmbito da Área Científica de Prática de Ensino
Supervisionado
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Elaborado por
Maria Armandina Romeira Abrantes Ferreira
Orientadora: Mestre Manuela Fonseca

Lisboa
Julho de 2013

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos os educadores, que como o nome indica, são todos aqueles que educam, que se esforçam por fazer a diferença na vida de tantas crianças.

Dedico-o também a todas as crianças que sem o saberem, com as suas fragilidades, o seu carinho, afeto, ajudaram esses educadores a serem pessoas... simplesmente melhores.

Agradecimentos

Agradeço a todas as crianças que fizeram a diferença da minha vida durante 35 anos de trabalho.

Agradeço a todos os professores da Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich que me acompanharam no meu percurso académico, à minha orientadora Prof^a. Manuela Fonseca pela sua sabedoria e inteligência, e pelas suas aulas enriquecedoras e cativantes, que me ajudaram a perceber o que é ser um verdadeiro educador, despertando o meu interesse e vontade de aprender mais, sobre a educação na creche e jardim – de - infância.

Às minhas colegas de trabalho e de curso pela sua disponibilidade, ajuda e capacidade, para compreenderem as minhas angústias e desânimos.

Ao meu marido, o meu suporte nos momentos mais desgastantes do dia, pelas suas palavras de encorajamento, apoio, carinho, compreensão e pela sua paciência.

Obrigado por me ajudarem simplesmente a ser uma pessoa melhor, uma pessoa diferente, e ter realizado o sonho tão grande da minha vida.

O ser educador!

Resumo

Este estudo aborda o tema **“Comunicação do bebê desde o nascimento, e a sua importância na aquisição da linguagem verbal.”**

Tendo como propósito, identificar e descrever, o tema da comunicação numa sala do berçário, levou a que numa primeira fase, procurasse fazer uma importante pesquisa da literatura, consultando diversos autores que abordam o tema.

O presente estudo é de natureza qualitativa, e teve como fundamento, a observação direta das interações dos bebês/educadores, e bebês e os seus pares, na sala do berçário, usando as Notas de Campo, como instrumento da investigação, que me levaram à escolha da temática acima referida.

Após fazer a análise de dados, e fazer a sua interpretação, fiz as considerações finais, tendo concluído, da importância que a comunicação tem para a aquisição verbal.

Palavras - chave: Comunicação, linguagem, interação e relação

Abstract

This research approaches the subject: **“Child’s communication, since the birth and its importance on the verbal language acquisition”**.

Since the purpose was to identify and describe the communication on a nursery room, on a first phase I decided to embrace a very important literature review, revising some authors who have previously also researched this subject.

This is a qualitative study and its core purpose was the direct observation of babies and educators’ interactions, as well as babies among themselves, at the nursery room, using the field notes as an investigation instrument, which have lead me to the choice of the present subject.

After the data analysis and its interpretation, I have done my final considerations, concluding that communication has a major importance for the verbal acquisition.

Keywords: Communication, language, interaction and relationship

Índice

Introdução	1
I – Enquadramento Teórico	5
1.1- Importância da relação mãe/filho no desenvolvimento da linguagem verbal	6
1.2 - O papel do educador na promoção do desenvolvimento comunicativo da criança	8
1.3 - A importância da relação entre pares para a aquisição da linguagem verbal	11
1.4 - Da comunicação à linguagem	14
II – Metodologia	19
2.1 - Caracterização da instituição	19
2.2 - Caracterização do grupo de participantes	21
2.3 - Abordagem metodológica	24
III – Análise de dados	29
Notas de campo	29
V – Considerações finais	41
VI - Referências bibliográficas	45
VII – Anexos	47

Introdução

O presente relatório, surgiu no âmbito da Prática de Ensino Supervisionado (PES) do Mestrado de Educação Pré – Escolar na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich.

Este trabalho reflecte, o meu percurso durante 4 anos de formação académica, e tem em conta, o trabalho realizado com crianças de idades compreendidas entre os 5 e os 18 meses, no Centro Paroquial de Rio de Mouro – Sintra.

A esta formação académica, terei obrigatoriamente de adicionar os 35 anos, que possuo de experiência de trabalho como Auxiliar de Ação Educativa. Iniciei o meu percurso profissional, durante o ano letivo de 1976/1977, na Casa de Santa Maria, colégio interno com crianças a partir dos 6 anos, onde exercia as funções de Monitora, e permaneci nesta Instituição durante 5 anos.

Entre 1982 e 1992, exerci as funções de Auxiliar de Ação Educativa, na Santa Casa da Misericórdia de Cascais, durante um período de 10 anos. Desde o ano letivo de 1992/1993, que exerço as funções de Auxiliar de Ação Educativa no referido centro de Rio de Mouro.

Decidi inscrever-me no curso de Educadora de Infância, que foi sendo um sonho adiado pelas circunstâncias da vida, não só para satisfazer o meu desejo, mas para melhorar aquilo que faço com todo o amor.

Durante 4 anos foi uma aprendizagem sistemática e enriquecedora, tanto para mim, como para as “minhas crianças”. Juntei ao conhecimento empírico de uma prática de muitos anos, ao meu bom - senso, à minha dedicação às crianças e disponibilidade total, os conhecimentos teóricos que me tornaram de certeza, uma melhor profissional.

Foi esta tecedura de uma prática vivida, com um conhecimento teórico e técnico, que se reflectiu no meu trabalho diário.

Passei a ter uma perspetiva diferente na forma de lidar com as crianças, pois o que antes era observado e muitas vezes tido como um dado adquirido, hoje percebo e vejo sob um ângulo distinto, entendendo melhor o porquê das situações vividas.

Para poder dispor da possibilidade de estudar e trabalhar em simultâneo, e possuir um horário de trabalho mais flexível, foi-me distribuída a incumbência de trabalhar com bebés, na creche do centro de Rio de Mouro.

Desde sempre o problema da comunicação me interessou, e estava chegado o momento de o poder investigar e responder a algumas dúvidas que sempre me foram surgindo, neste tão aliciante acompanhamento do crescimento dos bebés.

Assim surgiu a temática a investigar: "**Comunicação do bebé desde o nascimento, e a sua importância na aquisição da linguagem verbal**". A partir da temática escolhida surgiram – me estas questões:

- a) Como é que a relação mãe-filho, interfere no desenvolvimento da linguagem verbal?
- b) Qual o papel do educador na promoção do desenvolvimento comunicativo da criança?
- c) Qual a importância da relação entre pares, para a aquisição da linguagem verbal?

Comecei por recolher as notas de campo, durante o estágio curricular, onde se encontra a base do meu estudo. Estas notas foram realizadas em duas fases: a primeira durante os meses de novembro e dezembro, e as restantes durante os meses de março, abril e maio. Este intervalo de 3 meses, é um tempo muito significativo no crescimento dos bebés, pois estamos a observar bebés, com idades compreendidas entre os 5 e os 18 meses. Nesta fase do desenvolvimento tudo acontece a uma velocidade vertiginosa, por vezes uma só semana pode representar uma evolução inesperada e mudanças muito importantes.

Estas 18 notas de campo que se encontram em Anexo, representam a análise e observação dos bebés da sala do berçário, em diversas situações do seu dia-a-dia. Recorri a autores especialistas nesta área, como João dos Santos, Brazelton e Vigotsky entre outros, para fazer o comentário das situações ocorridas e observadas.

No presente estudo começo no Capítulo I, pelo Enquadramento Teórico onde é descrito, todo o processo de comunicação do bebé desde o seu nascimento, como é que os bebés adquirem a fala, e toda a sua evolução,

desde os primeiros dias de vida até à idade dos 18 meses, que traduz o período de vida que me propus investigar.

No subcapítulo 1.1 é abordada a temática da comunicação do bebé com a mãe, como é que essa comunicação se processa, a partir do significado emocional que a mãe atribui ao primeiro grito do bebé, abordando a importância do afeto como valorização da comunicação que se estabelece na idade.

No subcapítulo 1.2 abordo e trato da comunicação com os cuidadores, durante os primeiros tempos na creche, ambiente novo e estranho ao bebé, e como se processa a sua adaptação ao meio, até ser capaz de distinguir e aceitar os cuidadores, e qual o papel do cuidador na aquisição da linguagem verbal.

No subcapítulo 1.3 é analisada a comunicação com os pares, e a sua importância na aquisição da linguagem verbal, e como se dá início ao relacionamento entre pares, a preferência por determinado bebé em detrimento de outro, ou seja o início da “amizade”.

Brazelton (2009:491) dizia “uma criança sem amigos, é na verdade uma criança pobre”.

No subcapítulo 1.4, é feito de um modo resumido em jeito de conclusão do Enquadramento Teórico, a comunicação do bebé desde o nascimento até à linguagem verbal.

Deste modo fiz um estudo bastante aprofundado da bibliografia disponível, de início para me ajudar a perceber e interpretar as notas de campo, e posteriormente para desenvolver o estudo que aqui é descrito, consultando um elevado número de autores, com vasta obra publicada sobre este tema da comunicação. Estas leituras permitiram-me construir uma imagem fundamentada deste tema, que sempre me inspirou e apaixonou.

No Capítulo II é descrita a Metodologia, utilizada para o presente trabalho, e partindo dos pontos já descritos no capítulo anterior, e que são a comunicação do bebé com a mãe, com os seus cuidadores e com os seus pares, quais os objetivos que se pretendem atingir.

É feita uma caracterização da Instituição onde desenvolvo o meu trabalho diário, e uma apresentação e descrição das crianças observadas.

Seguidamente é traçada a abordagem metodológica. Expliquei o porquê de ter optado por fazer uma investigação qualitativa e a escolha das Notas de Campo como instrumento de investigação. Referi ainda qual o papel do investigador, como deve recolher os dados, processá-los e como deve concluir.

No Capítulo III – Foi feita a análise dos dados. Foram seleccionadas 10 das 18 Notas de Campo, recolhidas e anteriormente já referidas, onde se descreve o enquadramento da ação, a sua descrição e respectiva conclusão, de um modo mais preciso que o que foi efectuado anteriormente, durante a fase do estágio, e que se encontram em Anexo.

Esta seleção obedeceu ao critério seguinte: a educadora como promotora da interacção, a educadora como mediadora de conflitos e por fim a relação entre pares.

No Capítulo IV são feitas as conclusões do presente estudo, quais as limitações encontradas, e são feitas sugestões, para que no futuro, outros educadores possam, a partir da abordagem que efetuei, conseguir ir mais além.

Por último termino o trabalho, com os Anexos (Notas de Campo) e as referências bibliográficas.

I - Enquadramento teórico

Nota introdutória

O Homem não se pode criar no isolamento dos outros homens, nem viver fora do enquadramento natural da beleza dos sons, das formas e dos movimentos que o envolvem. O seu espírito é feito da interiorização do movimento das coisas, das pessoas, da natureza.

A cultura e a sua linguagem são a natureza do homem.
(Santos,1984 citado por Branco,2000:294)

Neste primeiro capítulo vou apresentar o quadro teórico, que irá permitir a compreensão da importância da comunicação na aquisição da linguagem verbal.

“ Para João dos Santos comunicação significa ligação entre pessoas, coisas e situações com valor de objetos de amor, cuja matriz é a ligação que se estabelece com a mãe, desde os primeiros anos de vida” (Branco, 2010:465).

O olhar terno, o afeto, a satisfação dos seus desejos e necessidades levam o bebé a criar confiança no mundo que o rodeia, levam o bebé a desejar comunicar.

Para poder desenvolver a sua capacidade comunicativa, a criança necessita, desde que nasce, de ter alguém que deseje comunicar com ela, que a signifique, que a envolva num banho de afetos, alguém que fale com ela transformando as sensações que ela experimenta em emoções.

Na procura de compreender o objetivo primeiro deste relatório torna-se imperioso começar por falar da relação mãe bebé que, como afirma Branco, é a matriz da comunicação.

1.1 – Importância da relação mãe/filho no desenvolvimento da linguagem verbal

Desde o berço que a mãe comunica, através dos seus cuidados, directamente com o bebé. A mãe comunica também, pelos seus gestos e palavras modeladoras das atitudes, gestos e palavras da criança. Ninguém se exprime apenas por palavras, e tudo quanto na expressão corporal envolve o verbo foi pelo Homem aprendido com a mãe (Santos,1980. Citado por Branco, 2000:413)

O bebé é amado antes de nascer porque começa a existir, ainda durante a gravidez, na imaginação e nos sonhos da mãe. Para além desta interação com o bebé imaginário também a interação com o bebé real vai acontecer, ela sente-o, significa afetivamente os movimentos do feto e esses movimentos tornam-se o sinal mais vivo de que o filho existe, está lá e é já alguém que está a acontecer dentro dela. Os estímulos que dará ao bebé e o modo como este responde a esses estímulos, será de extrema importância no futuro da relação que vão construir.

Para João dos Santos citado por Branco (2000: 415) “ A relação mãe filho tem uma importância fundamental para a organização emocional e psíquica da criança”

Segundo Brazelton (2009) quando nasce uma criança, nasce uma família e a mãe precisa de sentir que o seu filho pertence a essa família.

“O recém-nascido começa a mentalizar, quando descobre olhos nos olhos uma expressão que lhe sorri, quando se torna apto a associar o seu prazer à presença da expressão humana” Santos (1987:31).

O recém-nascido começa logo nos primeiros minutos de vida a interagir com o ambiente que o rodeia. A criança está programada, ao nascer, para identificar o rosto humano, que lhe deve transmitir afeto, calma e confiança. A mãe deve estar presente para acalmar o recém-nascido em caso de choro, afagando-o, falando-lhe num tom calmo e embalando-o com carinho.

“Os bebés parecem reconhecer bastante cedo a figura maternal. Preferem a voz da mãe à voz de outra mulher, logo nos primeiros dias de vida” Casper & Fifez (1980 citado por Gabriela Portugal 1998:29).

Se a mãe silencia os seus afetos e não os expressa de forma coerente e constante, as crianças tornam-se tristes e inseguras.

A inteligência da criança vem da afetividade das mães, assim como a criatividade e a sabedoria, é o amor que constrói o ser. É neste sentido que Coimbra de Matos (2007) faz esta afirmação que me parece que sintetiza a importância do amor na construção do Homem “Existo porque, fui amado”.

Também neste sentido Eduardo Sá (2006), afirma que nenhuma criança é feliz se se sentir abandonada sem a ajuda das pessoas que a amam.

Cada criança tem uma sensibilidade individualizada, reagindo de uma maneira diferente aos vários estímulos. Quando os pais conseguem descobrir a maneira correta de comunicar com os filhos, a criança sente-se gratificada. Esta compreensão não é fácil, mas é muito importante, pois os pais devem conseguir significar a agitação, os diferentes choros, os múltiplos sinais que o bebé emite para poderem interagir com ele.

A compreensão destes sinais e a resposta adequada, possibilita que haja uma comunicação efetiva e afetiva entre eles, possibilita a construção da relação. Coimbra de Matos citado por Branco (2010: 207), define relação como o oferecimento da própria pessoa.

Ao acariciar a criança que se magoou, ao dar-lhe um beijo, ao falar docemente com ela, a mãe demonstra que as dores são amenizadas através dos laços amorosos e que esta estará sempre presente nos momentos mais difíceis.

A palavra que desde os primórdios da relação entre a mãe e o bebé, está presente, traduzindo as sensações que o bebé experimenta em emoções, leva-o a investir afetivamente a língua materna. É neste sentido que Francoise Dolto (1987:121) nos diz que “a língua materna, mais do que um conjunto de palavras é um conjunto de emoções”.

1.2 - O papel do educador na promoção do desenvolvimento comunicativo da criança.

Por volta dos 5/6 meses, quando o bebê ingressa na creche começa uma nova rotina. Antes da entrada na creche o bebê vivia exclusivamente com a mãe, o pai e com irmãos, se for o caso, a partir deste momento vai encontrar-se num meio que lhe é estranho, onde não conhece nem os adultos nem os pares, novas caras, vozes desconhecidas, um mundo novo que vai ter de descobrir.

Para além destes aspectos, a quebra da rotina diária a que o bebê já estava habituado, nomeadamente as horas de dormir, de comer, de higiene, leva a que o bebê, no início desta nova etapa, se manifeste pelo choro. Este choro exprime descontentamento e desconforto e muitas vezes é acompanhado por lágrimas que exprimem um sentimento de frustração.

No início, é muito importante que a educadora construa uma relação de confiança com a mãe e aprenda com ela algumas das características do bebê assim como alguns dos seus hábitos, só desta forma a educadora poderá dar continuidade à função maternal.

É desejável, para o bom e saudável desenvolvimento da criança, que haja sintonia entre a família e a creche.

Nesta nova etapa da vida da criança as emoções têm um papel muito importante, pois pouco a pouco ela vai construindo uma relação afetiva com quem o cuida.

“Como o choro é o meio de comunicação e de controlo do mundo mais precoce da criança, o educador pode aprender a compreender o espectro de choro exibido pela criança e atuar em consonância, acalmando-a ou satisfazendo-lhe necessidades e ajudando-a a confiar nos outros” Gabriela Portugal (1998:181).

Quem cuida deve também estar atento e brincar. O bebê aprende a ganhar “efectância”, que é a capacidade de produzir respostas contingentes do ambiente.

As ligações da criança ao educador são distintas das ligações da criança ao pai e à mãe. Mesmo quando as crianças têm relações familiares pouco seguras, poderão criar laços afetivos fortes e geradores de segurança com o educador.

A partir dos 6 meses, a criança começa a distinguir pessoas conhecidas de desconhecidas. Nesta altura começa a interessar-se pelos objetos, “investiga-os” usando todos os sentidos nessa tarefa, faz múltiplas experiências sendo cada vez mais capaz de os manipular.

A partir dos 8 meses começam a mostrar sinais de auto – reconhecimento ao verem a sua imagem refletida num espelho, rindo-se e batendo as pernas e os braços em sinal de contentamento.

Aos 18 meses, a criança já reconhece a sua imagem e já a distingue dos demais. Refere-se a si como “o bebé” e aos outros como “tu”, “mamã”, “Dina”.

É nesta idade que as crianças começam a ter a noção dos comportamentos corretos e dos errados, interiorizam as normas impostas e mostram alegria ou tristeza, se conseguem ou não atingir algo a que se propuseram.

O cuidador/educador deve ter uma conduta repetitiva e sistemática de modo a que o bebé encontre estabilidade, para acomodar a sua atuação à do adulto. Este por sua vez, entende a conduta do bebé como intencional, sabendo pelo seu comportamento, quando tem fome, tem a fralda molhada ou qualquer outro desconforto.

A criança é capaz de utilizar o adulto, como um meio de obter um objeto e usar esse objeto como um meio para atrair a atenção do adulto.

“ Estamos agora diante de uma situação de intersubjectividade secundária, em que a comunicação entre o bebé e o adulto gira não em torno da relação entre ambos, mas em torno de objectos e situações externas” Trevarthen (1979:05).

O bebé vai-se habituando a comportar-se num determinado contexto e esta noção estende-se à hora da alimentação, de deitar, da higiene ou mesmo do brincar. Esta intenção comunicativa, que é uma constante na criança, aparece antes da linguagem, mas é imprescindível para o seu aparecimento. Aos poucos, a criança vai entendendo que a palavra é mais eficaz do que o gesto – A comunicação verbal sobrepõe-se à gestual.

É importante que o educador identifique os sinais emocionais que a criança demonstra, principalmente pela expressão facial e movimentos.

Durante o 1º ano de vida, é importante que a criança viva emoções positivas.

De acordo com Coll, Marchesi & Palácios (2004) – a partir dos 8 até aos

10 meses, aparece a referência social, buscando a expressão positiva do cuidador. Diante de estranhos procuram a expressão positiva da figura de afeto em relação à pessoa desconhecida.

A criança com 12 meses, já revela entendimento daquilo que ouve. O educador deverá fazer-lhe pedidos simples e dar-lhe ordens claras. A criança está ansiosa por aprender a falar.

O educador ao falar com a criança, deve dar-lhe a oportunidade de seguir o seu modelo.

O educador deve falar com a criança de uma maneira afetiva, emotiva, mostrando prazer em falar, pois estas atitudes irão despertar na criança a sua atenção e o seu interesse.

A maneira como a criança se relacionou com o mundo exterior e com as pessoas com as quais estabeleceu as relações mais precoces, será preponderante para a linguagem que irá usar na idade adulta.

O educador deve escutar a criança de uma maneira atenta e disponível, para que ela não se sinta inibida. Não deve desvalorizar a linguagem usada pela criança que é simbólica, que transmite as fantasias, os medos, que são diferentes da linguagem do adulto.

As trocas afetivas criança/adulto estão ligadas ao seu bem-estar e equilíbrio interior.

“ A sorte da maior parte das crianças é terem sido bem abraçadas muitas vezes. Com base nisso ganham confiança num mundo amigável, mas ainda mais importante, por terem sido abraçadas com amor, são capazes de progredir rapidamente no seu crescimento emocional.

Os alicerces da personalidade são fortes, se o bebé for bem abraçado. Os bebés não se recordam de terem sido bem abraçados – do que se lembram é da experiência traumática de não terem sido bem abraçados”.D.W.Winnicott (1987:62-63).

Os educadores devem ter sempre presente, que se é pela palavra que a criança começa a ter contacto com a vida espiritual da sociedade, esta não pode ser menosprezada.

“A educação é na fase da vida da criança que corresponde à aquisição da linguagem falada, fortemente impregnada pelo afeto do educador, toda a educação que anule o afeto e portanto elimine certa liberdade de experiência emocional, não é mais que um mau adestramento” (Santos,1966:47, citado por Eugénia Branco, 2010:468)

Os educadores devem ver as coisas do ponto de vista da criança e encorajar as suas tentativas de comunicação.

É importante que os responsáveis pelas crianças, sejam carinhosos e apoiem o seu desejo natural pela aprendizagem.

“Ao estimular a necessidade de autonomia dos bebés, é preciso ter em conta a enorme importância da relação que os bebés desenvolvem com as principais figuras que cuidam delas. Uma relação íntima e confiante é o pré-requisito para a separação e a individualização saudável da criança. Só depois de terem ‘recarregado baterias’, nos momentos que passaram de forma não apressada com as amas ou educadoras, é que estão dispostas a afastar-se delas para explorar o meio ambiente” Magda Gerber (1981:84)

1.3 - A importância da relação entre pares para a aquisição da linguagem verbal

Nos primeiros dias do bebé na creche, este terá de passar a conhecer as vozes e os rostos das pessoas que o rodeiam, habituando-se a relacionar-se com este novo círculo de pessoas (mundo estranho e novo para o bebé).

Se esta relação se processar de um modo fácil, os adultos irão satisfazer as suas necessidades básicas, responder aos seus apelos, procurando construir uma relação satisfatória, já com os pares, a relação irá processar-se de um modo mais gradual.

O reconhecimento dos pares vai-se fazendo progressivamente, aos poucos vão aprendendo a confiar até poderem sentir que todos fazem parte deste novo mundo que lhes reserva muitas alegrias e onde a brincadeira vai ter um lugar de honra.

Hoje em dia as crianças são expostas cada vez mais cedo ao convívio

com outras crianças, a família alargada (mãe, pai, avós, tios) foi substituída pelos infantários/creches, onde as crianças estão em contato com os seus pares.

“ Além disso, tem-se vindo a tornar cada vez mais claro que as amizades precoces podem ter uma componente emocional que as torna semelhantes à ligação que as crianças têm com os pais”. (Howes 1983,1989, citado por Hohmann M. Weikart D. 2009)

Através do convívio diário com os seus pares, as crianças aprendem como os seres humanos agem e se tratam uns aos outros, sendo as relações sociais estabelecidas precocemente, muito importantes, para o modo como no futuro irão abordar as pessoas.

Os laços afetivos que se constroem entre duas crianças, poderão transformar-se em laços de amizade, que demonstram preferência, prazer recíproco e capacidade de interagir. Algumas dessas escolhas, manter-se-ão ao longo do tempo.

“ Os bebés com 2 meses já se fixam nos pares” Vincze (1971:121) “e aos 3 e aos 4 meses aparecem os primeiros gestos sociais” Hartup (1970:121).

Desde os 6 meses que as crianças procuram chamar à atenção e iniciar a comunicação, com os seus pares, olhando-os, trocando sons e gestos, procurando a sua companhia, abraçando, sorrindo e oferecendo-lhes brinquedos.

Estes brinquedos e materiais lúdicos são muito importantes para a interação entre pares.

Quanto maior for o número de brinquedos, que as crianças tiverem disponíveis, menor será a frequência dos conflitos entre elas.

No início as interações são pontuais, mas vão-se tornando mais longas e sistemáticas à medida que crescem.

A partir dos 9 meses, as crianças respondem às iniciativas lúdicas dos seus pares, chorando se ouvem outro bebé chorar, chamando à atenção da educadora, se outra criança está triste e confortando-a por vezes com o objeto que tem à mão, uma fralda ou um brinquedo.

Nesta idade as crianças brincam próximo umas das outras explorando os brinquedos, mas não os partilhando, o que por vezes provoca conflitos

Estas disputas, que geralmente acontecem relacionadas com a posse de um brinquedo, são importantes pois ajudam a criança a aprender a resolver conflitos.

As crianças na presença dos seus pares, iniciam brincadeiras mais elaboradas do que quando estão sozinhas, o que mostra a importância dos companheiros mesmo no primeiro ano de vida.

Algumas atividades como o contar de histórias, são sociais pela sua natureza e promovem a interação entre pares. As características dos espaços lúdicos também influenciam a relação das crianças com os seus pares.

Os grandes objectos lúdicos promovem a interacção, enquanto alguns tipos de materiais promovem a brincadeira solitária.

As características do educador podem encorajar a interação entre bebés. Para Brazelton a **interação implica reciprocidade** afirmando que:

“quando as crianças têm um relacionamento saudável com outras da mesma idade , aprendem primeiro a dar e receber em igualdade de circunstâncias. Aprendem os ritmos de reciprocidade - quando dominar e quando submeter-se. Esta é uma noção básica para os relacionamentos importantes do seu futuro”.Brazelton (1995: 492)

O número de membros de um grupo de crianças influencia o comportamento social do bebé.

“As crianças que possuem maior experiência prévia de interacção com os iguais, tendem a iniciar mais contatos lúdicos, contatos com novos companheiros do que as que tiveram menor experiência de interação com os iguais” Rubin, Bulkowsky & Parker (1998 in coll Marchesi & Palácios, 2004:120).

Próximo dos 18 meses as crianças desenvolvem a capacidade simbólica que lhes permite simular situações e comportamentos (como brincar ao esconde-esconde), havendo já uma comunicação gestual e linguística, gosta de jogar procurando a companhia do seu par, imitando-o e fazendo o mesmo que ele faz.

O sorriso é igualmente uma forma do bebé expressar o que sente e de comunicar com outras crianças, fortalecendo a afetividade entre elas.

“Uma criança sem amigos é na verdade uma criança pobre” Brazelton (2009:491)

Nos autores consultados que se debruçaram sobre esta temática, encontrei unanimidade no que respeita à importância que atribuem à comunicação com a mãe, com o educador e com os pares, na aquisição da linguagem verbal.

1.4– Da comunicação à linguagem

Como conclusão do enquadramento teórico senti que era importante fazer uma síntese da evolução da linguagem desde a comunicação mais precoce até à aquisição da linguagem verbal.

Comunicamos através de diferentes linguagens e até com os nossos silêncios.

A comunicação verbal é a forma de comunicação mais elaborada e o seu sistema linguístico (código) é bastante complexo.

A comunicação verbal é universal, apesar de cada língua ter características específicas. A criança adquire a língua da comunidade a que pertence, desde que ouça falar à sua volta e que lhe falem.

Para João dos Santos (1983) **“A comunicação é o esteio da linguagem, mas não é a linguagem. A linguagem é algo que se situa entre as pessoas e que faz parte do património coletivo”**

Segundo Inês Sim-Sim (1998), a aquisição da linguagem é um resultado de um programa que nos é transmitido geneticamente.

O homem é capaz de receber, transformar e transmitir informação através da linguagem, compreendendo e produzindo enunciados formatados linguisticamente.

A aquisição espontânea da linguagem pela criança só se aplica à oralidade – adquire a língua materna desde a sua infância.

Todas as crianças em termos de linguagem, repetem cadeias de sílabas (lalação) e posteriormente articulam palavras isoladas e produzem frases.

Ao adquirir a linguagem a criança apropria-se primeiramente do discurso da família, num contexto restrito.

Com a entrada na escola, dá-se o alargamento do grupo social, que favorece o enriquecimento linguístico da criança.

A linguagem oral é a base da linguagem escrita. A linguagem vai-se

enriquecendo à medida que mudam os contextos da criança – do aqui e agora para ações no passado ou no futuro.

A cada criança deverá ser dada a oportunidade de se expressar individualmente, de manifestar opiniões próprias e de as defender.

A criança para adquirir uma linguagem, terá de crescer num ambiente em que haja trocas linguísticas, onde alguém fale à sua volta.

Sem o “input” linguístico que os pais e os pares lhe proporcionam, a criança nunca falará.

A criança terá de estar imersa num mundo linguístico específico.

Os discursos dos adultos para as crianças que estão a aprender a falar, terá de ter frases curtas, articulação clara, entoação expressiva e vocabulário simplificado.

São frequentes as repetições que vão escasseando à medida que a criança cresce.

Igualmente característico desta fase de aquisição da linguagem verbal, é a frequência de ordens e perguntas que estimulam a comunicação. A recompensa afetiva é sempre um bom estímulo para incrementar esta interação.

Através da voz o ser humano produz inúmeros sons. Ao nascer o bebé chora, meses depois palreia e posteriormente repete sílabas e finalmente produz palavras.

A percepção dos sons da fala é o primeiro passo na compreensão da linguagem oral.

O recém-nascido diferencia desde logo o que é ou não a voz humana, identifica muito cedo a voz da mãe e distingue entre entoações que expressam ternura ou zanga.

Há registos de reações a estímulos sonoros antes do nascimento, embora pouco sistemáticos.

Ao nascer o bebé reage aos sons olhando na direção da fonte sonora, virando a cabeça. Na situação de amamentação os bebés mostram reconhecer a voz da mãe ao aumentarem a velocidade de sucção. Desde muito cedo, nas duas primeiras semanas de vida, o bebé acalma quando ouve a voz da mãe.

Por volta das 6/8 semanas a criança já consegue distinguir a voz feminina da masculina, a familiar da desconhecida.

É frequente o bebé chorar perante vozes desconhecidas, sorrir e acalmar com uma voz familiar.

Pelos 5/6 meses já distingue padrões de entoação e ritmo que transmitem ternura ou zanga e que lhe provocam calma ou desconforto.

Entre os 9 e os 13 meses a criança já manifesta compreensão de sequências fonológicas em contexto.

Entre os 19 e os 24 meses aumenta substancialmente o número de palavras que a criança reconhece. Por volta dos 24 meses a criança reconhece uma média de 500 palavras.

Para a criança adquirir com facilidade a língua da comunicação, a língua da comunidade a que pertence, é muito importante ter em conta a interacção com o adulto. Para a aquisição da língua a interacção diária com o educador de infância é uma fonte inesgotável de estímulos para a criança, tendo o educador de ter consciência do seu papel de modelo. O educador deve conversar com a criança.

As cores vivas, o movimento, a voz humana, interessam-lhes assim como o rosto humano que vem acompanhado de sensações olfativas, táteis, cinéticas e acústicas.

“A melodia atrai a atenção da criança desde muito cedo, e os que dela se ocupam exploram esta preferência, marcando acentuadamente os padrões melódicos” Inês Sim-Sim (1998: 63).

Para João dos Santos é a mãe que ensina a falar, ao ensinar o bebé a exprimir as suas emoções, que vai evoluindo para a conquista da palavra. É através da comunicação e dos afetos que a criança simboliza e que é ajudada a desenvolver a sua capacidade de comunicação.

Segundo Brazelton (2009) os pais devem atrair a atenção do bebé usando um tom de voz especial e uma expressão facial adequada e que durante as pausas da amamentação, é importante que as mães sorriam.

O bebé desde o início que dialoga com o adulto nas atividades do dia - a - dia (alimentação, troca de fraldas), tentando desde logo levá-lo a agir de acordo com os seus interesses.

O bebé com poucos meses de vida, estabelece uma comunicação muito intensa e enriquecedora com os seus cuidadores, comunicando “ não verbalmente, mas são capazes de manter um diálogo rico, apenas com

sorrisos, olhares, dedos que apontam as coisas, contorções, ondulações, gorgolejos e choros”. Brazelton & Creespan (2009:158).

A repetição sistemática de condutas, poderá levar o bebê a um ato comunicativo.

Para o bebê, inicialmente o choro, o sorriso e o olhar, são formas de comunicar (linguagem não verbal), indo pouco a pouco expressando-se através dos gestos e tornando esta atitude intencional, ao ver que é correspondido.

Aos 4 meses os bebês desenvolvem a capacidade de agir para provocar a reação do adulto.

Aos 6 meses a criança repete os seus próprios sons (lalação), segue-se depois a ecolalia, Brazelton (2009), a criança repete as suas próprias vocalizações “mamá”, “tátá” e imita os sons da língua materna.

Com o desenvolvimento da capacidade de manipular, começou um novo diálogo - tossir, espirrar, fazer gracinhas e dar guinchos.

Aos 7 meses a criança usa sílabas com uma consoante e uma vogal e pratica-as, cantarolando-as.

Com 1 ano a criança já revela entendimento, daquilo que ouve.

Para Post e Hohman (2007), os bebês comunicam os seus sentimentos e ideias através de gestos, expressões faciais, barulhos e algumas palavras. Criam sistemas de comunicação como sorrir e agitar pernas e braços.

É através das suas acções, que os bebês expressam o que sentem, chorando, balanceando, fazendo caretas, agarrando-se, abraçando e olhando, gritando de alegria e repetindo os sons que ouvem dos adultos.

Quando o bebê começa a falar, a sua linguagem é telegráfica – bô – chã- cã. Eles compreendem as palavras, muito antes de as conseguirem reproduzir.

As crianças “falam” à sua maneira e precisam de “falar” mesmo antes de utilizarem a linguagem correta.

Os bebês aprendem a comunicar através de ouvir e responder – voltam-se em direção a uma voz e sorriem quando o adulto fala, imitam sons, viram-se quando o chamamos.

Comunicam não verbalmente – apontam para as pessoas com objetos, mostrando um objeto.

Participam na comunicação, são emissores e recetores, palram, olham

para o adulto, e balbuciam esperando resposta.

Aos poucos o bebê vai entendendo que a palavra é mais eficaz que o gesto.

Comunicam verbalmente – utilizam palavras simples. Exploram livros com imagens – olham para o livro, agarram-no e metem-no na boca.

Apreciam histórias, lenga – lengas, cantigas – ficam quietas, alegres, vocalizam, balanceiam o corpo e batem palmas, Post e Hohman (2007).

Uma criança pequena deve ser considerada uma pessoa inteligente, ela tem coisas para comunicar, embora ainda não saiba dizer-las.

Segundo Dulce Rebelo e Maria Augusta Seabra Dinis, a criança quando começa a utilizar palavras, pode estar a usar uma palavra que parece igual àquela de que se serve o adulto, mas que na realidade se refere a um material psíquico ou a um nível de mentalização diferente.

Entre os 12 e os 20 meses, surgem as primeiras palavras com valor de mensagens completas. As frases são desorganizadas em desacordo com as regras gramaticais.

Para João dos Santos (1987), a comunicação e linguagem, estão inter-relacionadas e a linguagem é a consequência da comunicação. Diz ainda que a comunicação é o expressar de sentimentos, gestos, emoções, desejos negativos e ideias.

É através da comunicação e afetos que a criança simboliza e que a ajuda a desenvolver, a sua capacidade de inteligência e palavra.

Capítulo II – Metodologia

2.1 – A comunicação do bebé desde o nascimento e a sua importância na aquisição da linguagem verbal

- a)** Como é que a relação mãe – filho interfere no desenvolvimento da linguagem verbal?
- b)** Qual o papel do educador na promoção do desenvolvimento comunicativo da criança?
- c)** Qual a importância da relação entre pares para a aquisição da linguagem verbal?

Como objetivos a atingir estabeleci:

- Compreender a comunicação entre o recém-nascido e a mãe.
- Compreender a importância da aquisição da língua materna.
- Compreender a importância da criança crescer num ambiente socialmente saudável.
- Compreender a importância da recompensa afetiva como estímulo para a interação.
- Compreender a importância do sorriso e tons de voz ternos como estímulo positivo.
- Compreender a importância do educador de infância como modelo sócio – afetivo e linguístico.

2.2- Caracterização da Instituição

O Centro Paroquial e Social de Rio de Mouro, é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), sem fins lucrativos, com personalidade jurídica no foro canónico e civil, pertencente à paróquia de Nossa Senhora da Paz, na rua Óscar Monteiro Torres, freguesia de Rio de Mouro, concelho de Sintra, com o nº de telefone 219178980.

Esta Instituição foi inaugurada no dia 28 de Junho de 1992.

É composta por 4 valências: creche, jardim- de- infância, centro de dia e apoio domiciliário, sediadas no mesmo edifício.

O Centro Paroquial e Social localiza-se na vila de Rio de Mouro, que é constituído por 18 aglomerados populacionais, com uma população a rondar os 50 mil habitantes (segundo informação da Junta de Freguesia de Rio de Mouro).

A Instituição está situada no centro de Rio de Mouro, perto dos transportes públicos e onde se concentra um grande número de serviços e comércio, tais como: o Centro de Saúde, posto da PSP, Correios, Junta de Freguesia, Instituições bancárias, Clínicas de saúde, Escolas, Igreja, Biblioteca pública camarária, Centro social e cultural, Mercado, Museu Leal da Camara, e lojas de comércio tradicional, polidesportivo e vários parques infantis, que actualmente se encontram muito degradados devido a actos de vandalismo.

De acordo com o último censo e segundo informação da Junta de Freguesia, existe uma heterogeneidade étnica.

Uma parte significativa da população é oriunda de África, com uma grande representação de Angola, Cabo Verde e Guiné- Bissau, por ordem de importância numérica.

Entre a população, convivem os provenientes dos Países Africanos de expressão portuguesa, com os habitantes portugueses que escolheram Rio de Mouro, como local de residência pelo baixo custo das habitações.

A população tem baixa qualificação escolar e desinserção social, bem como situações económicas muito precárias.

O Centro Paroquial de Rio de Mouro estabelece um conjunto variado de parcerias no sentido de complementar os seus princípios educativos.

Assim salientam-se as seguintes ligações e interações com a comunidade do meio exterior:

- Junta de Freguesia
- Centro de Saúde
- PSP
- Centro de Emprego
- Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
- Hospital Dr. Fernando da Fonseca – Amadora - Sintra

- Banco Alimentar
- Comércio local
- Hipermercados Continente e Jumbo
- Congregações religiosas

Caracterização do grupo de participantes

Quadro

Nome dos bebés	Género	Data de Nascimento	Idade/Meses
A.M.	Masculino	13/05/2012	13 Meses
A.L.P.	Feminino	07/01/2012	17 Meses
D.M.D.	Masculino	03/10/2012	8 Meses
H.G.	Feminino	25/01/2012	17 Meses
H.S.	Masculino	02/05/2012	14 Meses
H.F.	Feminino	25/03/2012	15 Meses
K.S.	Feminino	14/02/2012	17 Meses
K.M.	Feminino	19/03/2012	16 Meses
L.C.	Feminino	18/12/2011	18 Meses
M.M.	Feminino	26/01/2012	17 Meses
Y.C.	Feminino	07/07/2012	11 Meses

No que se refere à caracterização do grupo e ao fazer a análise do quadro, podemos observar que o grupo do berçário é constituído por 11 crianças, com idades compreendidas entre os 8 e os 18 meses, ressaltando uma heterogeneidade de géneros, constituído por 8 meninas e 3 meninos, prevalecendo o género feminino.

Das 11 crianças, 8 entraram durante o mês de setembro, tendo feito a sua integração de forma normal, adaptando-se facilmente ao espaço, adultos e rotinas.

As outras 3 crianças, foram entrando durante o ano, após as mães terem gozado a licença de maternidade.

Apesar de haver alguma disparidade de idades, posso garantir que na prática tal não se revela significativo, uma vez que o desenvolvimento e o ritmo de cada bebé, é respeitado.

Relativamente aos interesses e interações que as crianças manifestam com as diversas áreas da sala e cuidadores são bastante positivas.

Os bebés denotam uma preferência pela área do tapete (sala de atividades, espaço acolhedor onde os bebés interagem frequentemente entre si e os adultos da sala).

Nesta área é frequente os adultos conversarem ternamente com os bebés, estimulando-lhes a aquisição da linguagem e comunicação verbal, através de histórias, lenga – lengas, canções e muita brincadeira e afeto. Simultaneamente os bebés mais pequenos, como sendo o caso do bebé D.M.D. e Y.C, estabelecem uma comunicação não – verbal, através dos seus sorrisos e olhares.

Esta área é também um espaço dedicado à exploração de diversos materiais sensoriais e actividades que potencializam todo o seu desenvolvimento. Apesar de todas as crianças serem diferentes e cada uma estar em patamares de desenvolvimento cognitivo, motor e emocional distintos, os bebés interagem com os diversos espaços da sala.

Neste momento das 11 crianças, apenas 3 não andam. A Y.C e a H.G. andam na sala com a ajuda de um adulto e agarradas aos objectos e já exercem ações como rebolar e gatinhar. O D.M.D. com 8 meses feitos em Junho, ainda não gatinha começando agora a mudar de posição de sentado para o de gatinhar.

Apesar de no berçário existir ainda uma forte dependência dos bebés, face aos cuidados dos adultos, algumas crianças demonstram um desenvolvimento da sua autonomia e sentido de iniciativa, manifestando-se na aquisição de marcha, deslocando livremente pela sala, explorando com todo o seu corpo os diversos materiais que se encontram na mesma.

Durante a minha prática educativa tive oportunidade de observar o quanto estas crianças gostam de música e de dançar. A música infantil está em permanência na sala e assim que a ouvem, começam logo a movimentar o corpo para trás e para a frente, batendo palmas, como forma de satisfação,

criando assim um ambiente muito alegre. É um grupo, que gosta muito que se cante com eles.

É um grupo muito participativo, ficando atentos e imitando os gestos que os adultos fazem durante as canções – mímica.

Há momentos em que uma ou outra criança se levanta, mas de uma maneira geral, são participativas e interessadas.

A hora do conto e das pequenas dramatizações também é vivida com alguma emoção e satisfação. Ouvem a história com alguma atenção, conseguindo estar atentos durante 10 minutos aproximadamente, pois vou-as intercalando com canções. Gostam muito de fantoches, de lhes tocar e dar inflexões de voz.

Algumas crianças começam a entrar em conflito, quando querem o mesmo brinquedo, disputando-o com choro e zanga, puxando mesmo os cabelos uns dos outros.

Gostam de brincar entre eles, como por exemplo ao “esconde – esconde”, imitando-se já uns aos outros, interagindo, estando lado-a-lado e com olhares e sorrisos.

No tapete ficam já alguns minutos a folhear e apontar para as imagens dos livros que se encontram na sala.

Relativamente à linguagem, os mais velhos já vão dizendo algumas palavras como: ma, cão, não, papá, mamã, pato (sapato), e vão dizendo o nome dos adultos e amiguinhos. Reconhecem a sua cama, chupetas e as suas fotografias.

É um grupo alegre e calmo, no entanto há momentos sobretudo próximo da hora das refeições, em que uma ou outra criança chora, mas com muito afeto e colo, são capazes de ficarem tranquilas.

Na alimentação todos comem bem a sopa de carne e legumes, a fruta e as papas. Todos os bebés já introduziram os sólidos, aceitando-os bem, exceto o D.M.D. que ainda não ingere sólidos.

É um grupo que come com apetite e prazer, decorrendo o momento das refeições sempre dentro da normalidade.

No repouso, já adormecem sozinhos, mas ainda gostam de sentir a presença do adulto. Quase todos usam a chupeta e uma fralda para dormir.

2.3- Abordagem metodológica

Para esta minha investigação usei a observação direta das crianças da sala do berçário onde trabalho.

Optei por fazer uma investigação qualitativa, cujo paradigma é descrito como a preocupação em compreender o mundo social através de uma experiência subjetiva.

Na análise qualitativa o maior peso, é dado ao observador, dando a maior importância ao contexto sociológico dos observados.

A maior preocupação é compreender a criação subjetiva do mundo social.

Segundo Guerra: 2006, parte-se do princípio de que a análise sociológica deveria estar centrada no sentido que lhe é dado pelo ator, que orienta o seu comportamento, num contexto de racionalidades variadas em intervenção com os outros.

Assim partilha-se com Guerra:2006, o desenvolvimento de formas de investigação, que dêem conta do sentido da ação colectiva, ou seja o reconhecimento dos sentidos e das racionalidades, que fazem cada pessoa agir e assim produzir a sociedade em que vivemos.

As técnicas qualitativas dão mais atenção aos significados dos fenómenos que a sua frequência.

Nesta diversidade de problemática, o objeto não se encontra construído à partida, constrói-se progressivamente em contato com o terreno a partir da interação, com a recolha de dados e análise.

O investigador torna-se assim um agente de grande importância, pois a sua investigação depende da sua personalidade e seu carácter.

Este tipo de investigação leva-nos a estudar comportamentos específicos, e não a procura de comportamentos universais.

O facto de estar a fazer a minha formação em contexto de trabalho, facilitou a minha investigação, pois pude sistematicamente reformular o meu trabalho e direcciona-lo para o problema levantado.

Segundo Robert Bogdman e Biklen (1994) referem, as notas de campo são uma investigação qualitativa, pois são descritas pessoas, objectos, lugares,

acontecimentos e diversas situações ocorridas ao longo do dia numa sala do berçário.

Segundo os autores supra citados a investigação qualitativa tem 5 características fundamentais:

1ª. - A fonte direta de dados é um ambiente natural e o investigador tem o papel principal. Terão de ter tempo para poder observar, registar e investigar. Também é fundamental estar dentro do contexto das instituições a que pertencem.

2ª. - A investigação qualitativa e descritiva terá de ser minuciosa, tendo em conta que todos os dados recolhidos são importantes e podem constituir uma pista, para a compreensão do objeto de estudo (...). “ A descrição funciona bem como método de recolha de dados, quando se pretende que nenhum detalhe escape ao escrutínio” (p.49).

3ª. - Para o investigador qualitativo o mais importante não é o produto final, mas sim o percurso e as experiências vividas.

4ª. - Os investigadores qualitativos analisam os seus dados de forma indutiva, recolhendo os dados através do contacto direto, encontrando assim respostas para as suas questões e dúvidas.

5ª. – Os investigadores qualitativos estão atentos à diversidade e à forma como pessoas diferentes dão sentido às suas vidas.

O investigador tem a liberdade de escrever de acordo com o seu estilo pessoal, visto que as notas de campo se referem a vivências e observações pessoais. O investigador escreve na 1ª pessoa, tendo sempre o cuidado em ser o mais claro possível.

Recorri às notas de campo, como instrumento de investigação, para registar de forma minuciosa e informal, comportamentos, interações e brincadeiras entre as crianças e os seus pares ou entre as crianças e os adultos.

A observação direta é aquela em que o investigador recolhe diretamente informações, observando os comportamentos.

O ponto fulcral da investigação qualitativa é tentar encontrar o que está dissimulado em determinados comportamentos ou atitudes.

As notas de campo como instrumento de investigação

As notas de campo são o instrumento mais adequado à realidade observada e que mais me ajudou a encontrar as respostas pretendidas.

Escolhi esta metodologia porque tendo em conta a realidade a observar, pareceu-me a mais adequada, A observação direta das crianças, tendo sempre em conta a sua proveniência sociológica, deu-me a hipótese de sistematizar alguns procedimentos.

A definição de quem observa e a duração desta mesma observação não foram sistemáticas, mas sim de acordo com as ações do dia-a-dia das crianças.

Centrei-me no problema a investigar – comunicação entre as crianças e os seus pares e crianças/adultos, tentando aplicar na prática pedagógica os ensinamentos didáticos, que tive ao longo destes 4 anos de formação. Registei minuciosamente toda a informação possível, o que por vezes não foi fácil, porque o tempo real de observação não correspondia ao tempo em que escrevia.

Finalmente, organizei os dados obtidos, e tentei chegar a conclusões fundamentadas com os autores estudados.

Os aspetos descritivos das notas de campo englobam as seguintes áreas:

Retratos dos sujeitos, inclui a sua aparência física, aspetos particulares de cada um.

Reconstrução do diálogo que será transcrição fiel das conversas com o público - alvo.

A descrição do espaço físico onde decorre a observação.

O relato de alguns acontecimentos particulares como uma lista de quem esteve envolvido no acontecimento e o modo como tal aconteceu.

O investigador é o elemento principal e a ação registada resulta da sua interpretação.

O tratamento de dados obtido através deste tipo de investigação é subjetivo e poderá ser sempre melhorado. Os registos efectuados devem ser explorados de acordo com o objetivo da pesquisa. É assim feita uma

interpretação única, de uma determinada situação através do olhar do investigador.

Segundo Natércio, Afonso, 2005, para se fazer uma análise correta e interpretar a informação há 3 pontos a considerar. A descrição da situação observada, a estruturação conceptual (inferência) que é a organização dos dados em categorias específicas, que permite uma análise mais detalhada da situação observada, e a teorização que consiste na produção de conceitos tentando o observador responder e concluir, fundamentando-se com autores.

Para Guerra, 2006, as características da análise qualitativa não facilitam uma definição à priori do universo de análise, porque esta pesquisa é muito maleável, o objeto evolui, a amostra pode alterar-se ao longo do percurso e é também difícil definir uma amostra, sem fazer referência ao processo de construção do objecto.

A pesquisa qualitativa constitui um modelo de adaptação contínua, com carácter interactivo e retroactivo.

Descrição de atividades detalhadas.

Apesar de neste tipo de investigação, o mais importante ser a observação de uma situação/acção, não se deve descurar a importância do observador, pois a sua atuação pode afetar os dados que são recolhidos e analisados.

Juntando este material descritivo há a considerar a opinião pessoal do observador e a sua auto - crítica, que lhe permitirá refletir sobre o que observou e melhorar a sua atuação futura.

É fundamental que no final das notas de campo o observador reflita sobre o acontecimento na observação, tirando conclusões sobre o que deverá manter e o que deve mudar numa situação semelhante.

Bogdan e Biklen (1994) acrescentam que as notas de campo devem ser tiradas sem deixar passar muito tempo da observação, pois existe o risco de muita informação pertinente se perder.

Foi a partir da recolha de notas de campo que me comecei a questionar sobre algumas situações, e que foram a base para o ponto de partida, e elaboração do meu relatório final. Os registos efectuados ocorreram na 1ª e 2ª fase do estágio.

Análise de dados:

É a transcrição de entrevistas, notas de campo ou outros materiais, com o objetivo de dar resposta a um determinado problema.

Há dois tipos de abordagem à análise de dados, uma abordagem que consiste na recolha de dados em que a análise é feita ao mesmo tempo ficando completa no momento em que os dados são recolhidos.

A outra abordagem consiste em realizar o mesmo trabalho em duas fases. Primeiramente é feita a recolha de dados e só posteriormente será feita a sua análise. Muitas vezes são recolhidos mais dados do que os necessários, mas é importante ter várias opções para poder selecionar o mais importante para a resposta ao problema inicial.

III – Análise de dados

Neste capítulo, irei apresentar o tratamento dos dados que recolhi no decorrer do meu estágio, tendo como objetivo, responder à problemática: **Comunicação do bebé desde o nascimento e a sua importância na aquisição da linguagem verbal.**

A amostra do estudo é composta por 11 crianças entre os 5 e os 18 meses.

A pesquisa que realizei é qualitativa, sendo a análise de dados feita a partir das notas de campo.

Nesta análise de dados e nas conclusões finais vou ter presente, que num estudo qualitativo, as conclusões se aplicam unicamente ao contexto onde a observação foi realizada.

Depois de ter sido feita a análise de dados, surgiram as seguintes categorias:

A – A educadora como promotora da comunicação/interacção

- Nesta categoria incluíram-se notas de campo que abrangiam: histórias, afetos e relação com os brinquedos. Não achei pertinente dividir em subcategorias, devido a ter um número limitado de notas de campo.

Para esta categoria selecionei 5 notas de campo, que se seguem:

Nota de campo nº1 de 26 novembro de 2012

A bebé L de 10 meses estava sentada na sala de actividades a brincar com um brinquedo (telefone).

Sentei-me à sua frente e comecei a contar uma história, sobre animais, emitindo os sons dos mesmos.

A L perdeu o interesse pelo brinquedo que explorava, focando a sua atenção em mim e nos sons que eu produzia. Após alguns segundos, começou a sorrir e tentou imitar-me reproduzindo os sons que eu fazia, participando de forma alegre e interessada na atividade. Ainda não tinha acabado e a L puxou-me o livro, agarrou-

o e começou a olhar para mim como se me quisesse dizer, que queria ser ela a contar-me a história.

A minha atuação positiva e motivante levou a L, a reagir de acordo com a minha intenção comunicativa. A L, deixou o brinquedo que tinha na mão e focou a sua atenção em mim.

Possivelmente a L ficou interessada naquilo que eu estava a fazer, derivado aos sons, que eu reproduzia, que para ela, já eram significativos, pelo facto de eu lhe contar a história várias vezes. Durante as rotinas faço estes sons de uma forma lúdica.

A constante verbalização e repetição de sons conhecidos que eu faço acompanhando as situações lúdicas vividas, acredito que pode ser um verdadeiro incentivo para a criança desejar comunicar verbalmente

Os bebés com poucos meses de vida, estabelecem uma comunicação muito intensa e enriquecedora com os seus cuidadores, *comunicando* “ não verbalmente mas são capazes de manter um diálogo rico, apenas com sorrisos, olhares, dedos que apontam as coisas, contorções, ondulações, gorgolejos e choros” (Brazelton & Creespan, 2009:158).

Nota de campo nº4 de 3 dezembro de 2012

O bebé G 10 meses estava sentado no tapete debruçando-se sobre um livro, agarrou-o com as duas mãos, e bateu com o mesmo, no tapete durante algum tempo. Voltou a meter o livro no chão, fechou e abriu-o muito devagar, e sorriu para a imagem que viu – um pato, e tocou-lhe. Levou o livro à boca e deixou-o cair.

O livro caiu perto do G que gatinhou na tentativa de o ir buscar. Voltou a agarra-lo e colocou-o no seu colo, virou uma das abas 3 vezes consecutivas, continuando a sorrir para as imagens que via sempre muito atento.

O G ao aperceber-se que me encontrava próximo, olhou para mim e sorriu, sorri para o G, o que fez com que continuasse a sua exploração.

Voltou a tocar num dos lados do livro e levou-o à boca.

O G sempre que chega à sala, tem sempre a mesma atitude: gatinha até ao cesto onde se encontram os livros e começa por retirar sempre o mesmo livro, mostrando já a sua preferência pelo mesmo objecto.

Sempre que o G observa os livros, gosta de estar sozinho pronunciando alguns sons e rindo-se parecendo entender o que está a observar, mostrando um olhar de satisfação, fazendo transparecer o gosto pelo contacto com os livros.

Possivelmente este gosto vem do facto de eu ler muitas vezes histórias aos bebés, e o meu amor pelos livros é naturalmente transmitido.

“Sem dúvida que o contacto com os livros é importante e significativo. As crianças habituadas a que os pais lhes leiam histórias sentem-se atraídas pelos livros. Gostam de manuseá-los, apropriando-se das suas características, de passar as folhas, de descobrir imagens. (Rebello e Diniz, 1998: 123)

Leva-o à boca porque é a maneira mais fácil de interagir com as imagens.

As histórias são importantes, para o desenvolvimento da linguagem da criança, e para a compreensão do mundo físico e social.

Os livros de histórias, podem ter só gravuras ou podem incluir gravuras e palavras.

Nota de campo nº6 de 14 dezembro de 2012

A criança reage positivamente a um tom de voz carinhoso e estabelece um forte vínculo de cumplicidade através do olhar e do afeto.

A K de 9 meses, estava a mudar a fralda no momento de higiene. Limpei cuidadosamente a bebé, falando com ela. A bebé sorriu e olhou-me atentamente para o rosto e esticou os braços tocando-me no rosto. Continuei a falar com a K, com voz meiga e afável, olhando para a mesma. A bebé retribuiu o olhar e sorriu.

Depois de lhe ter trocado a fralda, segurei nas mãos da bebé e incentivei-a a levantar-se, puxando-a carinhosamente para mim. A K, colocou os seus braços à minha volta, abraçando-me e encostando a cabeça no meu ombro.

A bebé K, fez as suas primeiras explorações das interações sociais. O meu olhar sereno e o meu tom de voz tranquilo, acalmou a bebé, que se sentiu segura e amada.

Concluo que no momento da higiene, a criança vai criando relações de confiança com o adulto que dela cuida, promovendo a comunicação expressiva, pois através da expressão é possível captar os sentimentos da criança.

De acordo com os autores Dulce Rebelo & Seabra Dinis, as trocas afetivas criança/adulto (s) estão ligadas ao seu bem-estar e equilíbrio interior. A criança reage positivamente a um tom de voz carinhoso.

Nota de campo nº8 de 15 março de 2013

Durante as suas rotinas o bebé estabelece uma relação afetiva com quem o cuida, e desenvolve desde logo a sua capacidade comunicativa, com quem satisfaz as suas necessidades básicas, exprimindo desde logo o que sente, através do choro e da tranquilidade. Se quando nasce é com a mãe que estabelece esta relação afetiva, mais tarde será a educadora que terá esse papel de criar laços de segurança, confiança e afeto.

A L de 15 meses estava no fraldário no momento da sua higiene. Limpei e mudei a bebé, sempre interagindo, falando e brincando com ela.

A L sorriu, vocalizou e fez algumas caretas, deu algumas gargalhadas e esticou as suas mãos para mim. Continuei a falar com a L, com uma voz meiga e afável, sorri e perguntei-lhe: “Onde estão os pés L?”. A bebé respondeu: “Pé”.

Voltei a perguntar-lhe onde estavam as suas mãos e de seguida olhou para mim, retribuindo com o olhar e sorrindo com satisfação.

Depois de lhe ter trocado a fralda e de a ter preparado para a sua sesta, a L colocou as suas mãos na minha cara e encostou a sua cara à minha, numa atitude de grande ternura balbuciando: “bebé – mamã”.

Quando este momento terminou, levei-a para a sua cama ficando muito tranquila e calma, acabando por adormecer.

Penso que durante este momento de rotina, estabeleci com a L, um forte vínculo afectivo e um momento de interacção comunicativo.

O meu olhar sereno e a minha voz tranquila foram importantes para a bebé, antes de fazer a sua sesta.

Os afetos assumem extrema importância, no desenvolvimento emocional do bebé, uma vez que uma pessoa (...) “carinhosa é normalmente alguém com uma boa preparação, no que respeita ao desenvolvimento infantil”. (Brazelton, 2010:499),

As rotinas são momentos de extrema importância para os bebés, é muito mais que saber a hora a que o bebé dorme, come é criar momentos de afeto, é o momento de intimidade que se cria.

Nesta situação o prazer vivido a dois, permitiu que a comunicação real e afetuosa, onde a palavra e o desejo de repetir, surgiu.

Nota de campo nº13 de 26 março de 2013

Ao observar a interacção da bebé com os materiais, apercebi-me do seu interesse e da sua curiosidade em explorar este tipo de materiais, apesar de o fazer inconscientemente.

A L de 13 meses, encontrava-se sentada no tapete a brincar.

Comecei por dizer:” vem cá à Dina”. A L gatinhou na minha direção e sentou-se à minha frente.

Peguei na caixa, onde estavam guardados os cartões e comecei por tirar um que tinha um bebé e mostrei à L dizendo: ”olha a bebé”.

A L observou e disse: ”bebé”, debruçando-se sobre a mim, agarrou no cartão com as duas mãos, observou novamente e repetiu: ”bebé”

Cantei-lhe uma canção: “tenho uma boneca assim, assim (...).

A L deixou cair o cartão no seu colo e começou a bater palmas, a sorrir e a abanar o corpo para a frente e para trás.

A L pegou novamente no cartão e pôs dentro da caixa começando por tirar vários e pôr no chão, voltou a colocar na caixa um-a-um de uma forma descoordenada e tirou novamente 3 vezes consecutivas.

Observei a bebé L e disse-lhe: “dá à Dina”, que lhe começou por mostrar novas imagens, a bebé olhou novamente para mim e sorrindo disse: “bé – bé – cá – cá – ba – bê”.

Retribuí-lhe o sorriso, e incentivei-a a continuar a sua exploração. A L conseguiu estar alguns minutos a tirar e a pôr os cartões na caixa.

De seguida atirou-se para o meu colo e abraçou-me.

Estas aprendizagens desde os primeiros anos de vida, permitem ao bebé o conhecimento de novas palavras bem como a exploração visual e táctil através das imagens e texturas.

Analisar os aspectos mais significativos desta actividade, concluo que a bebé demonstrou ser capaz de olhar fixamente para as imagens, expressando-se e comunicando através de formas não-verbais (balbucios e gestos), utilizando todo o seu corpo e todos os seus sentidos.

Todos estes materiais: livros, cartões, imagens, e fotografias dos bebés são importantes para o desenvolvimento da linguagem social e motora.

Segundo Brazelton 2009, nesta idade a criança já tem a informação para a sua linguagem. Já consegue proferir mamã, papá e bebé, começa a ligar o nome às pessoas, já sabe apontar e usar a linguagem gestual.

“De qualquer modo usa o olhar para acompanhar as suas palavras”(Brazelton, 2009:175)

B – A educadora como mediadora de conflitos

Para esta categoria selecionei 3 notas de campo que se seguem.

Nota de campo nº2 de 27 novembro de 2012

Os bebés ao explorarem um objeto de sonoridades existentes na sala, mostraram interesse pelo mesmo brinquedo.

A M de 10 meses, estava sentada no tapete a brincar com uma maraca que reproduzia som, sentei-me junto à M, peguei noutra maraca que continha pedrinhas e agitei-a no ar provocando uma sonoridade diferente daquela que a bebé tinha. Depressa olhou na direção do novo objecto com alguma curiosidade, aproximou-se de mim e tentou agarrar a maraca, esticando as mãos na sua direção.

Durante alguns minutos cantei algumas canções infantis, provocando alguns sons com as maracas. Segundos depois observei o entusiasmo dos outros bebés pelos sons que as maracas reproduziam.

Coloquei-as no tapete, para que todos os bebés as explorassem.

A bebé H de 8 meses que estava próximo de mim, pegou numa maraca e levou-a à boca, diversas vezes, explorando-a igualmente com outras partes do corpo (mãos e dedos). A bebé M aproximou-se da bebé H, e tirou-lhe a maraca, acabando por haver um conflito entre as duas bebés. A H. começou a chorar, peguei-lhe ao colo e dei-lhe um beijo acabando por acalmar a bebé H. Sentei a bebé novamente no tapete e as duas bebés, após a minha intervenção acalmaram e começaram a brincar em simultâneo com as maracas, interagindo entre si não-verbalmente.

O jogo acompanha a criança desde o seu nascimento, desde o simples observar e ouvir. Ao aprender a levar os brinquedos à boca, apanha-los, bater-lhes e dar-lhes a volta, tudo isto é um jogo. Desde os primeiros anos de vida que as crianças exploram o mundo que as rodeia.

“O ser humano nasce com a capacidade de aprender a partir da experiência. Os bebês aprendem a partir daquilo que vêem, ouvem, cheiram, saboreiam e tocam (...).”(Papalia, 2001:190)

Os bebês gostam de explorar objetos com sonoridades, manuseando-os com todo o seu corpo.

Julgo que o que atraiu à atenção das duas bebês, foi o som que a maraca produzia, despertando também o interesse nos outros bebês.

A exploração sensorial de diferentes formas das bebês, motivaram um pequeno conflito, visto nessas idades ainda não terem a capacidade de saber esperar.

A minha intervenção cuidada foi importante, para que as bebês acalmassem e comesçassem a brincar entre si, a minha expressão, o meu carinho, a minha interação com elas, provocou nas bebês uma relação de confiança.

Muitas vezes inicia-se um conflito entre eles, visto quererem o mesmo objeto.

Estes brinquedos são muito apelativos e gostam de os explorar manuseando-os com todo o seu corpo.

Nota de campo nº3 de 30 novembro de 2012

Desde as primeiras semanas de vida, que a voz e a presença da mãe tem importância, para que o bebé se sinta, seguro e calmo.

Por volta das 6/8 semanas a criança já distingue a voz familiar da desconhecida.

Quando a criança vive num ambiente familiar muito restrito, tem mais dificuldade em relacionar-se com os adultos desconhecidos.

Durante o momento de acolhimento, estava a brincar com a L, quando entrou uma colega, a educadora da sala dos 4 anos dando os bons dias.

A L começou a chorar. A educadora Fátima sentou-se ao lado da bebé dizendo: Olá bebé! Sorrindo para a L e

dando-lhe um beijo. A L observou-a não desviando o olhar da educadora Fátima.

A educadora pegou num brinquedo, mostrando-lhe e interagindo com a L. A bebé começou a chorar novamente, olhou para mim e esticou os braços.

Peguei na L ao colo que parou de chorar, não desviando o olhar da educadora, seguindo todos os seus passos.

A L, chora sempre que ouve a voz de algum estranho à sala do berçário onde se encontra, começando a distinguir os cuidadores dos outros adultos.

Segundo a mãe as relações familiares da L, são muito restritas: pai, mãe e irmão.

A L, não fica com ninguém fora do seu círculo familiar.

Para João dos Santos 2010, são muito importantes as pessoas que rodeiam a criança e as relações afectivas que as ligam.

Para Coll Cesar, Marchese, Alvaro & Palacios (2002), nos bebés dos 8 aos 10 meses aparece a referência social, buscando a expressão positiva do cuidador.

Diante de estranhos a expressão positiva da figura de apego em relação à pessoa desconhecida.

É de referir ainda que nesta idade, é normal a reacção aos estranhos, visto que de acordo com Spitz (1980) está a viver a angústia do 8º mês. A partir desta idade a criança percebe a mãe como sendo um objeto exterior, começando a distinguir os conhecidos dos estranhos.

Nota de campo nº5 de 7 dezembro de 2012

Através do convívio diário com os seus pares, as crianças aprendem a agir com os outros, criam relações afetivas e reagem às suas atitudes.

Estas interações tornam-se evidentes desde os primeiros meses utilizando as crianças, gestos e sons para demonstrarem as suas capacidades comunicativas.

O G de 7 meses e o H de 9 meses estavam na sala do berçário, deitados de barriga para baixo no tapete, rodeados com diversos brinquedos.

O G segurou na mão uma bola/guizo agitando-a no ar, e batendo diversas vezes no tapete, explorou o brinquedo e ao agita-lo apercebeu-se que este produzia sons.

O H olhou atentamente para um livro de pano, que se encontrava perto dele, arrastou-se e pegou no livro.

Ainda de barriga para baixo, com o livro à sua frente carregou sem querer num botão produzindo um som que lhe chamou à atenção. O som produzido pelo livro, fez com que o G, largasse a bola que tinha na mão e tentou agarrar o livro.

O H olhou para o G, e percebeu a sua intenção e agarrou com força o livro, mostrando uma atitude de posse.

O G continuou a puxar o livro conseguindo tira-lo das mãos do bebé H. O H chorou e manifestou a sua tristeza, puxando os cabelos ao G. Os dois bebés começaram a chorar e eu tive que intervir de uma forma calma e afectuosa, chamando à atenção do H. Após a minha intervenção o H continuou a explorar o livro e o G começou a interagir com o H não verbalmente agarrando-lhe numa mão.

Os dois bebés começaram a explorar o livro juntos.

Julgo que o bebé G interessou-se pelo livro que estava na mão do bebé H, pelo som que este emitiu e tentou por isso tira-lo.

O bebé H ao puxar os cabelos ao bebé G, comunicou não verbalmente, mostrando assim o seu desagrado.

“A criança vive numa base emocional afetiva e instintiva”. (João dos Santos, 2010: 468), quando intervirm com uma atitude serena e conciliadora o conflito foi ultrapassado, transformando-se este episódio de conflito, numa situação de partilha, ambos os bebés começaram a explorar o livro juntos.

As notas que se seguem, justificam a importância da relação entre pares e tentam perceber como é que o educador pode interferir nessa mesma relação.

C – Relação entre pares

Nota de campo nº9 de 22 março de 2013

As crianças chegam a uma fase em que tentam imitar os adultos nas suas ações, interagindo e reagindo entre eles, seguindo o modelo do adulto.

O D de 5 meses estava sentado na espreguiçadeira a chorar enquanto esperava pelo almoço na sala do berçário. A M de 14 meses dirigiu-se ao D, olhou-o fixamente durante alguns segundos, e como este não parava de chorar, foi buscar um brinquedo. Aproximou-se do D e colocou na mão do bebé para que o agarrasse. Como não conseguiu, atirou o brinquedo ao chão e foi buscar outro dando-o ao D.

Como este continuou a chorar, a M tirou-lhe o brinquedo da mão e voltou a atira-lo ao chão.

Aproximou-se do D que continuava a chorar, e com o seu dedo tocou na testa do bebé e começou por dizer: “bebé, bebé” e ao mesmo tempo olhava para mim.

Como o bebé não se calava, a M começou por abanar a cadeira, conseguindo que o bebé parasse de chorar.

“Tem-se vindo a tornar cada vez mais claro, que as amizades precoces podem ter uma componente emocional muito forte que as torna semelhantes à ligação que as crianças têm com os pais” (Howes, 1983,1988:122).

A bebé M, tem mostrado um sentido protetor e grande afetividade em relação ao bebé D. ao ver o amigo numa situação de desconforto, tentou ajudá-lo, dando-lhe brinquedos, fazendo carícias e já comunicando verbalmente, visto a bebé M já ter 14 meses.

Concluo que a M, com a sua demonstração de afeto e a imitação dos reforços positivos de carinho, que os adultos diariamente lhe dão, conseguiu acalmar o bebé D.

O bebé vai construindo uma relação afetiva com quem o cuida e só com o tempo aprende a diferenciar e a reagir com os seus pares, sendo o adulto o seu modelo, tende a repetir com os outros, situações que viveu ou que observou.

“Uma criança sem amigos é na verdade uma criança pobre”
(Brazelton, 2009:491)

Nota de campo nº12 de 25 março de 2013

As crianças gostam de jogar, procurando a companhia dos seus pares, imitando-se mutuamente e brincando com os mesmos brinquedos.

Nas suas brincadeiras imitam também as brincadeiras que os adultos fazem com elas, mostrando que já interiorizaram as aprendizagens e que as conseguem reproduzir.

Enquanto fazia a higiene a um bebé, a L de 14 meses e a K de 13 meses estavam agarradas às camas.

A L deu alguns passos e escondeu-se atrás da cama e espreitou dizendo: “té - té”. A K que estava perto e também agarrada a uma cama imita-a e repete: “tá - tá”.

As duas bebés repetiram esta ação dando gargalhadas.

As bebés L e K ao jogarem o jogo do “esconde-esconde”, imitaram o que diariamente se brinca com elas, e ao darem gargalhadas comunicaram não-verbalmente a sua satisfação.

Como nos diz Post & Hohmann as duas bebés estão a aprender acerca das relações sociais.

Termino a análise de dados sobre as categorias criadas por mim, tendo em conta as notas de campo retiradas, durante a 1ª e 2ª fase do estágio, concluindo que as interações do adulto/bebé e bebé/bebé são extrema importância, para o desenvolvimento da linguagem verbal da criança.

Considerações Finais

A elaboração deste relatório teve uma importância enorme e fez-me crescer enquanto pessoa e educadora. Investiguei com empenho para encontrar respostas para as perguntas que a problemática em estudo me sugeriu, contribuindo assim para um melhor trabalho com as crianças, estando mais atenta aos pormenores do dia-a-dia.

A importância do saber observar, registar e investigar todas as ações dos bebés, respeitando-os na sua individualidade, fez-me refletir e ajudou-me a alicerçar, num saber teórico, a convicção que desde sempre tive de que a comunicação é muito importante desde que a criança nasce.

Sendo o ser humano, um ser comunicativo é de referir, que as crianças aprendem a comunicar através das relações que estabelecem com os pais, educadores e outras crianças.

Respondendo às questões levantadas inicialmente nesta investigação:

- Importância da relação mãe/filho no desenvolvimento da linguagem verbal

A relação mãe/bebê começa ainda dentro do útero materno e desde cedo o bebê tem a percepção, que é desejado e amado.

Após o seu nascimento e desde os primeiros dias que se estabelece, uma relação de grande amor, afeto e cumplicidade que irá manter-se ao longo dos anos.

Esta relação, traduz-se por uma comunicação entre a mãe e o bebê desde o nascimento. A resposta positiva que a mãe dá aos sinais que o bebê lhe transmite, dando significado ao seu choro que pode exprimir desconforto porque tem fome, está sujo ou tem sono, vai ser o alicerce de toda a comunicação.

Com o tempo e com o contato com a mãe, proveniente da amamentação, do banho, ou do colo, o bebê aprende a distinguir a voz da mãe, o seu cheiro, e posteriormente o seu rosto. Este reconhecimento acaba por se estender, ao pai e irmãos, se for o caso.

A mãe normalmente utiliza um tom de voz calmo e terno e o bebê vai-se habituando a confiar nesta voz doce que lhe está tão próxima. A mãe deve

evitar, alterações súbitas do tom de voz, pois essas alterações, acabam inevitavelmente por assustar o bebé e provocar o choro.

A comunicação da mãe com o bebé implica as palavras que acompanham todas as ações da mãe, os mimos, os carinhos, os beijos e abraços, que vão decorrendo ao longo do tempo, sendo estes valorizados através das vocalizações do bebé, que vão sendo cada vez mais perceptíveis. Estas vocalizações mais tarde, vão ser substituídas, por pequenas palavras, umas compreensíveis, outras que terão de ser adivinhadas.

Assim sendo, a comunicação entre a mãe e o filho, vai evoluindo desde o nascimento até que se chega à comunicação verbal, através de um processo que implica muito afeto, carinho e amor por parte da mãe. Estes aspectos são fundamentais para o desenvolvimento da criança em termos comunicativos.

No que concerne à segunda questão:

-O papel do educador na promoção do desenvolvimento da linguagem verbal

Quando o bebé chega à creche, pela primeira vez, um mundo novo se inicia na sua vida. O ambiente que lhe é desconhecido, os pares que lhe são estranhos os rostos que não conhece, levam-no a reagir com desconforto pelo choro, com a continuação ele vai aprender a conhecer a pessoa que dá continuidade à relação com a mãe e o ambiente vai-se tornando acolhedor e gerador de segurança.

Aprende a comunicar novamente, através do olhar, balbucios e sorrisos.

O educador como promotor do desenvolvimento da linguagem verbal comunica com o bebé através de gestos de carinho, de histórias, brincadeiras e muitas palavras que vão acompanhando todas as suas ações.

Quando o educador promove a comunicação, a resposta é quase imediata, porque a relação que o educador tem com o bebé, durante as suas rotinas e em todos os seus momentos sejam de brincadeira ou de afeto, são criados laços afectivos muito profundos com a criança, que promovem a comunicação por parte do mesmo.

Este atua também como mediador de conflitos, nas situações que ocorrem com os bebés (quer seja em brincadeira livre, quer numa disputa de brinquedos).

A atitude do educador nesta situação deve ser calma e terna acalmando assim os bebés. Ao confiarem no educador e sentirem o carinho que este lhes transmite, acabam por se acalmar e recomeçarem a brincar muitas vezes até juntos. No entanto, o educador deve ser capaz de variar as estratégias de acordo com a sensibilidade de cada um. Por ex: ler histórias com imagens de cores atrativas, reproduzir sons de animais, cantar canções e jogar, pois nesta faixa etária a criança interage com tudo o que tenha movimento, cor e som, isto é, interage com todos os seus sentidos.

Quanto à terceira e última questão:

-A importância da relação entre pares para a aquisição da linguagem verbal

O que pude observar é que os bebés comunicam entre si, em diferentes estágios do seu desenvolvimento, seja através do conflito, de gestos carinhosos, ou através da imitação dos adultos das diversas situações por eles observadas e vividas no berçário. Contar histórias, canções e “lenga - lengas”, atuam muitas vezes, como acelerador da linguagem verbal, pois a observação dos pares ao longo do dia e durante dias seguidos acaba por se tornar num meio natural, de aprendizagem.

A criança nesta idade está no início da socialização, por isso a relação entre pares, deve ser desde cedo estimulada pelo educador. Este, deve mostrar ao bebé, que é mais divertido e enriquecedor brincar com alguém do que sozinha.

Desde o nascimento até à aquisição da linguagem verbal, a comunicação constrói-se através de olhares, gestos de ternura, beijos, carinhos, balbucios entre outros.

Concluo deste modo, que as crianças aprendem a comunicar, através das relações que estabelecem com os pais, educadores e outras crianças. Estas relações segundo vários autores são promotoras do desenvolvimento emocional na criança.

Por fim, termino referindo que a minha maior dificuldade prendeu-se com o tempo, que por vezes faltou, pois entre o trabalho, as aulas e as leituras, pouco tempo sobrou, mesmo para dormir.

Talvez com mais tempo pudesse ter enriquecido este meu relatório com um maior aprofundamento teórico e com a análise de um maior número de

situações, conseguindo assim transmitir, de uma forma mais clara, toda a experiência que possuo e o encantamento que tenho com este trabalho com bebês, que todos os dias me ensina coisas novas e me faz sentir que ser educadora vale mesmo a pena.

O mais importante não foi o que fiz, mas as portas que se abriram, e a vontade que ganhei de continuar a minha formação, pelo prazer de saber e pela vontade de me tornar, cada dia uma melhor profissional.

Penso que consegui responder aos objetivos a que me propus e fiquei satisfeita com o trabalho realizado, acreditando que ele pode ser um ponto de partida para outros educadores continuarem a investigar esta temática conseguindo ir mais além.

Referências Bibliográficas

AFONSO, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação – Um guia Prático e Crítico*. 1ª Edição. Amadora: Asa Editores, S.A.

BRANCO, M. (2010) – *João dos Santos Saúde mental e educação*. 2ª ed., Lisboa: Coisas de Ler.

BOGDAN, BIKLEN (1994) - *Investigação Qualitativa em Educação – Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.

BRAZELTON, T. (2009). *O grande livro da criança – O Desenvolvimento Emocional e do Comportamento Durante os Primeiros Anos*. 1ª Edição. Lisboa: Editorial Presença.

COLL, MARCHESI, PALÁCIOS (2004). *Desenvolvimento Psicológico e Educação*. 1º Volume. *Psicologia Evolutiva*. 1º Edição. Porto Alegre: Artmed.

COUTINHO, C. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas, Teoria e Prática*. Lisboa: Almedina.

DOLTO, F. (1987). *A Dificuldade de Viver*. Lisboa. Publicações Dom Quixote.

GUERRA, I. (2006). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

HOHMANN, M. & WEIKART, D (2009). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

MATOS, A. C. (2007). *Vária. Existo porque fui amado*. Lisboa. Climepsi Editores.

PAPALIA, D. & OLDS, S. & FELDMAN, R. (2001). *O Mundo da Criança*. 8ª Edição. Lisboa. Editora McGraw – Hill.

PORTUGAL, G. (1998). *Crianças, Famílias e Creches*. Porto: Porto Editora.

POST, J & HOHMANN, M (2007). *Educação de Bebés em Infantários, Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

QUIVY, R. & CAMPENHOUDT, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

REBELO, D. & DINIZ, M.A.S. (1998). *Falar Contigo*. Lisboa. Caminho.

SÁ, E. (2006). *Crianças para Sempre*. Lisboa: Oficina do Livro.

SIM-SIM, I. (1998). *Desenvolvimento da Linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

SPITZ, R. (1980). *O Primeiro Ano de Vida*. São Paulo: Martins Fontes Editora.

STERN, D. (1995). *Bebé – Mãe, Primeira Relação Humana*. Lisboa: Edições Salamandra.

VIGOTSKY, L. (1994). *A Formação Social da Mente, O desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores*. São Paulo : Martins Fontes.

Anexos

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

1

Situação: Exploração livre antes do almoço.

Data: 26 de novembro de 2012.

Hora: 10:30h (aproximadamente 10 minutos).

Local: Sala de atividades do berçário.

Intervenientes: Estagiária e bebé L.

Sexo: Feminino.

Idade: 10 meses.

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>A bebé L estava sentada no tapete a brincar com um brinquedo (telefone).</p> <p>Sentei-me à sua frente começando a contar uma história, sobre animais, emitindo os sons dos mesmos.</p> <p>A L perdeu o interesse pelo brinquedo que explorava, focando a sua atenção em mim e nos sons que eu produzia. Após alguns segundos, começou a sorrir e tentou imitar os mesmos sons, participando de forma interessada na actividade.</p> <p>Gatinhou até à minha frente e agarrou o livro, puxando-o para si.</p>	<p>Eu ao interagir com a bebé, fiz com que esta perdesse o interesse pelo brinquedo.</p> <p>Terá sido pela minha intervenção?</p> <p>Ou terá sido motivado pelos sons que ouvia?</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Na minha opinião concluo que eu ao imitar sons e movimentos, provocou a atenção da bebé.

Estas interações foram importantes para o desenvolvimento social da bebé, dado que este é um agente ativo que necessita de comunicar com o meio que a rodeia.

De acordo com (Jacalyn Post & Mary Hohmann, 2008), os bebés conseguem construir uma imagem de si próprios, como pessoas distintas e capazes que podem influenciar e responder ao seu mundo imediato.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

2

Situação: Exploração de maracas com sons.

Exploração sonora.

Data: 27 de novembro de 2012.

Hora: 10:00h (aproximadamente 10 minutos).

Local: Sala de atividades do berçário.

Intervenientes: Estagiária, bebé M e outros bebés.

Sexo: Feminino.

Idade: 11 meses.

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>A M, estava sentada no tapete a brincar com uma maraca que reproduzia som, sentei-me junto à M, peguei noutra maraca que continha pedrinhas e agitei-a no ar provocando uma sonoridade diferente daquela que a bebé tinha. Depressa olhou na direção do novo objeto.</p> <p>A M tentou agarra-la esticando as mãos na sua direção.</p> <p>Durante alguns minutos cantei algumas canções infantis, provocando alguns sons com as maracas. Segundos depois observei o entusiasmo dos outros bebés pelas maracas, coloquei-as no tapete, para que todos os bebés as explorassem.</p>	<p>Os bebés ao explorarem este objeto de sonoridades, mostraram interesse pelo mesmo brinquedo.</p> <p>A minha intervenção cuidada foi importante para que os bebés ficassem calmos e continuassem a explorar as maracas havendo assim uma interação não-verbal entre os dois bebés.</p>

Um dos bebês pegou numa maraca e levou-a à boca diversas vezes, explorando-a igualmente com outras partes do corpo (mãos e dedos). A bebê M aproximou-se do bebê e puxou a maraca acabando por haver um conflito entre ela e o outro bebê que chorava. Ao intervir os bebês acalmaram, brincando em simultâneo com as maracas interagindo entre si.

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

De acordo com Papalia o jogo acompanha a criança desde o seu nascimento, desde o simples observar e ouvir, ao aprender a levar os brinquedos à boca, apanha-os, bate-lhes e dá-lhes a volta, tudo isto é um jogo. Desde os primeiros anos de vida que as crianças exploram o mundo que as rodeia.

“O ser humano nasce com a capacidade de aprender a partir da experiência. Os bebês aprendem a partir daquilo que vêm, ouvem, cheiram, saboreiam e tocam (...).”

(2001:190)

Os bebês gostam de explorar objetos com sonoridades, manuseando-os com todo o seu corpo.

Muitas vezes inicia-se um conflito entre eles, visto quererem o mesmo objeto.

Estes brinquedos são muito apelativos e gostam de os explorar manuseando-os com todo o seu corpo.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

3

Situação: Acolhimento.

Data: 30 de novembro de 2012.

Hora: 9:30h (aproximadamente 3 minutos).

Local: Sala do berçário.

Intervenientes: Estagiária, educadora da sala dos 4 anos e a bebé L.

Sexo: Feminino.

Idade: 10 meses.

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>Durante o momento de acolhimento, estava a brincar com a L, quando entrou uma colega, a educadora da sala dos 4 anos dando os bons dias.</p> <p>A L começou a chorar. A educadora Fátima sentou-se ao lado da bebé dizendo: Olá bebé! Sorrindo para a L e dando-lhe um beijo. A L observou-a não desviando o olhar da educadora Fátima.</p> <p>A educadora pegou num brinquedo, mostrando-lhe e interagindo com a L. A bebé começou a chorar novamente, olhou para mim e esticou os braços.</p> <p>Peguei na L ao colo que parou de</p>	<p>Nos últimos dias tem sido frequente este comportamento por parte da L, sempre que entra alguém que é estranho na sala.</p> <p>Penso que este comportamento da bebé L. poderá ser uma característica da idade ou por começar a distinguir os cuidadores dos outros adultos.</p> <p>Também posso pensar que segundo a mãe, as relações familiares são muito restritas: pai, mãe e irmão.</p>

<p>chorar, não desviando o olhar da educadora, seguindo todos os seus passos.</p>	
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>Para João dos Santos (2010), são muito importantes as pessoas que rodeiam a criança e as relações afetivas que as ligam.</p> <p>A criança conhece os seus cuidadores e por isso não é pertinente mudar de educador a meio do ano.</p> <p>Para Coll Cesar, Marchesi Alvaro & Palácios Jesus; os bebés a partir dos 8 meses até aos 10 meses aparece a referência social, buscando expressão positiva do cuidador. Diante de estranhos buscam a expressão positiva da figura de apego em relação à pessoa desconhecida.</p>	

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

4

Situação: Exploração de um livro.

Data: 3 de dezembro de 2012.

Hora: 9:45h (aproximadamente 10 minutos).

Local: Sala de atividades do berçário.

Intervenientes: Estagiária e bebé G.

Sexo: Masculino.

Idade: 10 meses.

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>O G estava sentado no tapete debruçando-se sobre um livro, agarrou-o com as duas mãos, e bateu com o mesmo no tapete durante algum tempo. Voltou a meter o livro no chão, fechou e abriu-o muito devagar e sorriu para a imagem que viu – um pato, e tocou-lhe. Levou o livro à boca e deixou-o cair.</p> <p>O livro caiu perto do G que gatinhou na tentativa de o ir buscar. Voltou a coloca-lo no colo, virou uma das abas 3 vezes consecutivas, olhando atentamente e sorrindo.</p> <p>Olhou para mim e sorriu. Sorri para o G, o que fez com que continuasse a sua exploração.</p> <p>Voltou a tocar num dos lados do livro e levou-o à boca.</p>	<p>Nos últimos dias o G, começou a mostrar preferência por livros e sempre que algum bebé se aproxima, afasta-se.</p> <p>Será porque o livro passou a ser objeto de conforto?</p> <p>Será porque eu me mobilizo muito para os livros e incentivo-os?</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Para o G, o livro é um objeto importante, não querendo partilha-lo com ninguém.

Leva-o à boca porque é a maneira mais fácil de interagir com as imagens.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

5

Situação: Exploração livre antes do almoço.

Data: 7 de dezembro de 2012.

Hora: 10:45h (aproximadamente 5 minutos).

Local: Sala de atividades do berçário.

Intervenientes: Estagiária e os bebês G e H.

Sexo: Os dois do sexo masculino.

Idade: 9 e 7 meses.

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>O G e o H estavam deitados de barriga para baixo no tapete rodeados com diversos materiais.</p> <p>O G segurou na mão uma bola/guizo agitando-a no ar, e fazendo bater diversas vezes no tapete</p> <p>O H olhou atentamente para um livro de pano que se encontrava perto dele, arrastou-se e pegou no livro.</p> <p>Ainda de barriga para baixo, com o livro à sua frente começou sem querer num botão produzindo um som.</p> <p>O G largou a bola que tinha na mão e tentou agarrar o livro.</p>	<p>Um dos bebês foi despertado para o livro pelo som que este emitiu, o que fez com que os dois bebês se interessassem pelo mesmo objeto.</p> <p>Será que o bebê H ao segurar o livro com força já demonstra a noção de posse?</p> <p>Será que o bebê H ao puxar os cabelos ao bebê G já quer comunicar o seu descontentamento?</p>

<p>O H olhou para o G e segurou com força o livro que tinha na mão.</p> <p>O G puxou-lhe o livro e o H chorou, puxando os cabelos ao G.</p> <p>As duas crianças choraram e eu tive de intervir acalmando o G.</p> <p>O H continuou a explorar o livro, mas a outra criança voltou a interagir com ele agarrando-lhe numa mão.</p> <p>Os dois bebés começaram a explorar o livro juntos.</p>	<p>A minha atitude serena fez com que a situação inicial de conflito se transformasse numa relação de afetividade.</p>
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>Segundo João dos Santos, é através do afeto que a criança desenvolve a sua comunicação, e que a educação de uma criança desta idade, educação pré-escolar e é uma educação relacional feita pela mãe/família e neste caso pela estagiária.</p> <p>“A criança vive numa base emocional-afetiva e instintiva”</p> <p>João dos Santos, Branco Carvalho Eugénia Maria:2010:468)</p> <p>Concluo que a minha atitude serena da fez com que a situação inicial de conflito se transformasse numa relação de afetividade.</p>	

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

6

Situação: Interação adulto/criança no momento da higiene.

Data: 14 de dezembro de 2012.

Hora: 12:00h (aproximadamente 5 minutos),

Local: Sala de berços (higiene).

Intervenientes: Estagiária e bebé K.

Sexo: Feminino.

Idade: 8 meses.

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>A K, estava a mudar a fralda no momento de higiene. Limpei cuidadosamente a bebé, falando com ela. A bebé sorriu e olhou-me atentamente para o rosto e esticou os braços tocando-me no rosto. Continuei a falar com a K, com voz meiga e afável, olhando para a mesma. A bebé retribuiu o olhar e sorriu.</p> <p>Depois de lhe ter trocado a fralda, segurei nas mãos da bebé e incentivei-a a levantar-se, puxando-a carinhosamente para mim. A K, colocou os seus braços à minha volta, abraçando-me e encostando a cabeça no meu ombro.</p>	<p>A bebé e eu estabelecemos um forte vínculo através de olhares de cumplicidade e afeto.</p> <p>A K, fez as suas primeiras explorações das interações sociais. O olhar sereno e tom de voz tranquilo, poderá ter acalmado a bebé, sendo esta comunicação uma forma da criança se sentir segura e amada.</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

De acordo com os autores Dulce Rebelo e Maria Augusta Seabra Diniz, as trocas afetivas criança/adulto (s), estão ligadas ao seu bem – estar e equilíbrio interior. A criança reage positivamente a um tom de voz carinhoso

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

7

Situação: Exploração livre com materiais.

Data: 11 de março de 2013.

Hora: 10:00h (aproximadamente 10 minutos).

Local: Sala de atividades do berçário.

Intervenientes: Estagiária e bebés L. e M.

Sexo: As duas do sexo feminino.

Idade: Ambas com 14 meses.

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>A bebé L. estava sentada no chão da sala e gatinhou para a área do tapete, onde se encontravam os brinquedos existentes na sala.</p> <p>Alguns segundos depois observou uma bola de pano com cores vivas, aproximou-se gatinhando para junto da mesma, tocou-lhe, observou-a e levou-a à boca.</p> <p>De seguida agitou um pouco os braços e olhou fixamente para o objeto. Voltou a pegar na bola e encostou-a na sua cara.</p> <p>Interagi com a bebé L. e disse-lhe: “dá”. A bebé atirou a bola que caiu ao chão. Levantei-me e disse à Luísa: “vamos</p>	<p>Após esta observação constatei que a bebé L. tem um grande fascínio por materiais diversificados. O material que atraiu a bebé foram as cores vivas, tamanho e também por ser novidade. A L. percebeu as minhas intenções comunicativas.</p> <p>A L. explorou sensorialmente de diferentes modos o brinquedo, tocou-lhe com uma ou as duas mãos, levou-a à boca e agitou-a fazendo com que a mesma produzisse movimento.</p> <p>Ao dirigir-se preferencialmente para a bola, demonstrou ter interesse e preferência nesse material, explorou-o livremente, dirigiu-se para o objecto com</p>

<p>jogar à bola”.</p> <p>Peguei na bebé pelas mãos e ajudei-a dar pontapés na bola. Esta deslizou e foi para junto de outra bebé, que a agarrou, levando-a à boca. A L. gatinhou rapidamente para junto da outra bebé e tentou tirar-lhe a bola.</p> <p>As duas bebés com idades aproximadas (14 meses), começaram a puxar a bola, cada uma para si.</p> <p>Como estava atenta deixei as bebés explorarem o material e observando a interação entre as duas bebés.</p> <p>A bebé que tinha apanhado a bola a M. atirou-a ao chão esquecendo-se do brinquedo. A bebé L., olhou na minha direção e sorriu, sentou-se no chão e explorou a bola com todo o corpo, agarrou-a com as duas mãos e abanou algumas vezes dando gargalhadas.</p>	<p>uma dada finalidade.</p> <p>Os seus olhares e comportamentos são indicadores da sua intencionalidade.</p>
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>De acordo com Brazelton T, Berry: 2010, devemos fazer pedidos simples à criança e dar-lhe ordens claras e simples, pois assim mostrará mais facilidade em cumprir os desejos do adulto.</p> <p>Ainda segundo Dulce Rebelo e Maria Augusta Seabra Diniz, nos primeiros anos de vida, a criança aprende a andar, a falar, a relacionar-se com os outros, aprendendo progressivamente o mundo que a rodeia, através de sensações visuais, auditivas, táteis ou gustativas. São os estímulos fornecidos à criança que lhe despertam para o mundo que a rodeia.</p>	

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

8

Situação: Muda de fraldas.

Data: 15 de março de 2013.

Hora: 12:00h (aproximadamente 3 minutos).

Local: Sala de berços (higiene).

Intervenientes: Estagiária e bebê L.

Sexo: Feminino.

Idade: 16 meses.

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>A L estava no fraldário no momento da sua higiene. Limpei e mudei a bebê, sempre interagindo, falando e brincando com ela.</p> <p>A L sorriu, vocalizou e fez algumas caretas, deu algumas gargalhadas e esticou as suas mãos para mim. Continuei a falar com a L com uma voz meiga e afável, sorri e perguntei-lhe: “Onde estão os pés L?”. A bebê respondeu: “Pé”.</p> <p>Voltei a perguntar-lhe onde estavam as suas mãos e de seguida olhou para mim, retribuindo com o olhar e sorrindo com satisfação.</p>	<p>Julgo que durante este momento de rotina da bebê, estabelecemos um forte vínculo afetivo, através de olhares de cumplicidade, e muito afeto.</p> <p>A minha voz tranquila fez com que a bebê estivesse calma, tendo interagido comigo.</p>

<p>Depois de lhe ter trocado a fralda e de a ter preparado para a sua sesta, a L colocou as suas mãos na minha cara e encostou a sua cara à minha, numa atitude de grande ternura balbuciando: “bebé – mamã”.</p> <p>Quando este momento terminou, levei-a para a sua cama ficando muito tranquila e calma, acabando por adormecer.</p>	<p>A L é uma criança muito afetuosa, gosta que lhe dêem muito mimo.</p>
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>O meu olhar sereno e a minha voz tranquila foram importantes para acalmar a bebé, antes de fazer a sua sesta.</p> <p>Ao comunicar com ela, a L. sentiu-se amada, confiando em mim.</p> <p>Para Brazelton:2009, os afetos assumem extrema importância no desenvolvimento emocional do bebé, uma vez que uma pessoa (...) “ carinhosa é normalmente alguém com uma boa preparação no que respeita ao desenvolvimento infantil” (2009:499).</p> <p>Para (Rebelo Dinis e Dinis Seabra A.M.) o bebé ao dizer mamã dirigindo-se a mim mostrou afetividade que a criança tem em relação a quem a cuida.</p>	

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

9

Situação: Interação criança/criança.

Data: 22 de março de 2013.

Hora: 11:0h (aproximadamente 5 minutos).

Local: Sala de actividades do berçário.

Intervenientes: Estagiária e bebés D e M.

Sexo: Um do sexo masculino e outro do feminino.

Idade: 5 e 14 meses.

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>O bebé D estava sentado na espreguiçadeira a chorar enquanto esperava pelo almoço. A M dirigiu-se ao D e olhou-o fixamente durante alguns segundos e como este não parava de chorar, foi buscar um brinquedo, aproximou-se do D e colocou na mão do bebé para que o agarrasse. Como não conseguiu, atirou o brinquedo ao chão e foi buscar outro dando-o ao D.</p> <p>Como este continuou a chorar, a M tirou-lhe o brinquedo da mão e voltou a atira-lo ao chão.</p> <p>Aproximou-se do D que continuava a chorar e com o seu dedo tocou na testa do bebé e começou por dizer: “bebé, bebé” e ao mesmo tempo olhava para mim.</p> <p>Como o bebé não se calava, a M começou por abanar a cadeira, conseguindo que o bebé parasse de chorar.</p>	<p>A M desde que o bebé D entrou para a creche, tem mostrado um sentido protetor em relação ao D, sempre que chega à creche ou chora, a M vai ao seu encontro e interage, ora com um brinquedo, beijos ou até comunicando verbalmente.</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

A bebé M mostrou ter uma relação de afeto em relação ao bebé D, ajudando-o com brinquedos.

A M começou a ter iniciativa, transpondo uma situação que considerava positiva para o D.

Este não reagiu positivamente aos estímulos da M, porque o bebé vai construindo uma relação afetiva com quem o cuida e só com o tempo aprende a diferenciar e a reagir com os seus pares (Coll Cesar, Marchesi Alvaro & Palácios).

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

Situação: Desenvolvimento motor/iniciação à marcha.

10

Data: 16 de março de 2013.

Hora: 10:15h (aproximadamente 5 minutos).

Local: Sala de actividades do berçário.

Intervenientes: Estagiária e bebés K. e Y.

Sexo: As duas do sexo feminino.

Idade: 12 e 8 meses.

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>Enquanto estava no tapete a brincar com os bebés, a K. levantou-se sem apoio e tentou dar um passo. Disse-lhe: "linda!" Em seguida bati palmas.</p> <p>A K. olhou para mim e sorriu, continuando a tentar andar. Deu 4 passos para a frente e sorriu batendo palmas. Fui para junto da K. e dei-lhe beijinhos e voltei a bater palmas, continuou a andar sempre muito contente, dando algumas gargalhadas. A bebé Y. que estava por perto começou a bater palmas emitindo alguns sons como: "dá-dá-cá-cá-tá-tá".</p>	<p>Julgo que a K. ao tentar andar, perdeu o receio, devido aos meus estímulos e à minha presença.</p> <p>Ao bater palmas e sorrindo para a bebé, esta sentiu-se confiante, iniciando assim a sua marcha.</p> <p>A bebé Y. mostrou alegria, batendo palmas e emitindo alguns sons.</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Sempre que a K. inicia alguma situação nova, bate palmas e gosta que o adulto mostre satisfação, assim concluo que a K. começou por dar início à sua marcha, sentindo confiança pelo meu esforço positivo, sentindo-se segura pela minha presença e pelo carinho que lhe transmiti. A bebé Y. também fez jogos de imitação como bater palmas e reproduzindo o que eu fazia.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

11

Situação: Jogos corporais.

Data: 19 de março de 2013.

Hora: 9:30h (aproximadamente 4 minutos).

Local: Sala de actividades do berçário.

Intervenientes: Estagiária e bebés L. e K.

Sexo: As duas do sexo feminino.

Idade: 14 e 12 meses.

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>Enquanto realizava jogos corporais com a bebé L., a bebé K. ficava muito curiosa a todos os movimentos que eu fazia expressando emoções e contentamento.</p> <p>Quando eu movimentava as mãos, braços e pernas da L. ou batia palmas e realizava alguns movimentos, a K. sentia-se tentada a imitar espontaneamente as minhas interações com a L.</p> <p>A bebé K. mobilizava e articulava todo o seu corpo, olhando para mim e sorrindo.</p>	<p>A bebé K. é uma criança muito participativa interagindo sempre em todos os momentos de rotina, seja qual for a interação.</p> <p>Para além da sua curiosidade, a bebé K. sentiu-se de imediato tentada a imitar o que eu fazia.</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Para Brazelton:2010, as crianças nestas idades gostam de brincar umas com as outras repetindo os comportamentos, que neste caso eram os meus. Os gestos, as posturas corporais e as atitudes faciais são as mesmas.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

12

Situação: Brincadeira livre.

Data: 25 de março de 2013.

Hora: 12:00h (aproximadamente 3 minutos).

Local: Sala de berços.

Intervenientes: Estagiária e bebês L. e K.

Sexo: As duas do sexo feminino.

Idade: 14 e 12 meses.

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>Enquanto fazia a higiene a um bebé, a L e a K estavam agarradas às camas.</p> <p>A L. deu alguns passos e escondeu-se atrás da cama e espreitou dizendo: "té - té". A K. que estava perto e também agarrada a uma cama imita-a e repete: "tá -tá".</p> <p>As duas bebês repetiram esta ação dando gargalhadas.</p>	<p>Julgo que as duas bebês ao jogarem ao jogo do "esconde – esconde", imitaram o que diariamente se brinca com elas.</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Concluo que as bebês ao imitarem os adultos, mostraram que já interiorizaram algumas aprendizagens.

As duas bebês expressavam o que sentiam naquele momento, o riso eram expressões não-verbais.

Segundo Post Hohmannn, as duas bebês estão a aprender acerca das relações sociais.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

13

Situação: Interação adulto/criança, exploração de cartões com imagens.

Data: 26 de março de 2013.

Hora: 10:00h (aproximadamente 10 minutos).

Local: Sala de actividades do berçário.

Intervenientes: Estagiária e bebé L.

Sexo: Feminino.

Idade: 14 meses.

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>Por volta das 10 horas sentei-me junto à L, que se encontrava sentada no tapete.</p> <p>Comecei por dizer: "vem cá à Dina". A L gatinhou na minha direção e sentou-se à minha frente.</p> <p>Peguei na caixa, onde estavam guardados os cartões e comecei por tirar um que tinha um bebé e mostrei à L dizendo: "olha a bebé".</p> <p>A L observou e disse: "bebé", debruçando-se sobre mim, agarrou no cartão com as duas mãos, observou novamente e repetiu: "bebé"</p> <p>Cantei-lhe uma canção: "tenho uma boneca assim, assim (...).</p>	<p>Ao observar esta interação da bebé com os materiais/cartões, apercebi-me do seu interesse em tirar e pôr, dentro e fora e a sua curiosidade em explorar este tipo de materiais, apesar de o fazer inconscientemente.</p>

<p>A L. deixou cair o cartão no seu colo e começou a bater palmas, a sorrir e a abanar o corpo para a frente e para trás.</p> <p>A L. pegou novamente no cartão e pôs dentro da caixa começando por tirar vários e pôr no chão, voltou a colocar na caixa um-a-um de uma forma descoordenada e tirou novamente 3 vezes consecutivas.</p> <p>Observei a bebé L. e disse-lhe: “dá à Dina”, que comecei por mostrar novas imagens, a bebé olhou novamente para mim e sorrindo disse: “bé – bé – cá – cá – ba – bê”.</p> <p>Retribuí-lhe o sorriso, e incentivei-a a continuar a sua exploração. A L. conseguiu estar alguns minutos a tirar e a pôr os cartões na caixa.</p> <p>De seguida atirou-se para o meu colo e abraçou-me.</p>	
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>Estas aprendizagens desde os primeiros anos de vida, permitem ao bebé o conhecimento de novas palavras bem como a exploração visual e táctil através das imagens e texturas.</p> <p>Ao analisar os aspectos mais significativos desta actividade, concluo que a bebé demonstrou ser capaz de olhar fixamente para as imagens, expressando-se e comunicando através de formas não-verbais (balbucios e gestos), utilizando todo o seu corpo e todos os seus sentidos.</p> <p>Todos estes materiais: livros, cartões, imagens, e fotografias dos bebés são importantes para o desenvolvimento da linguagem social e motora.</p> <p>Segundo Brazelton:2010, nesta idade a criança já tem a informação para a sua linguagem. Já consegue proferir mamã, papá e bebé, começa a ligar o nome às pessoas, já sabe apontar e usar a linguagem gestual.</p> <p>“De qualquer modo usa o olhar para acompanhar as suas palavras”</p> <p style="text-align: right;">(Brazelton, 2009:175)</p>	

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

14

Situação: Exploração livre.

Data: 27 de março de 2013.

Hora: 15:00h (aproximadamente 5 minutos).

Local: Sala de berços.

Intervenientes: Estagiária e bebé Y.

Sexo: Feminino.

Idade: 7 meses.

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>A bebé Y. estava sentada no chão a brincar com os brinquedos existentes na sala.</p> <p>Alguns segundos depois a Y. desistiu de brincar e começou por levantar a sua mão, esticando-a e observando-a. Enquanto olhava para as suas mãos, balbuciava algumas palavras como: “tá – tá – cá – ma - té e dá” e ao mesmo tempo dava algumas gargalhadas.</p> <p>A Y. repetiu esta ação 3 vezes consecutivas, sem deixar de olhar para as suas mãos.</p> <p>Por fim deu gargalhadas de satisfação.</p>	<p>Será que a bebé Y. ao descobrir as suas mãos mostrou satisfação?</p> <p>Ou será que brincava apenas com elas?</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Para Post e Hohmann:2003, os seres humanos são criaturas sociais desde o nascimento, usam uma série de estratégias para comunicarem com quem os cuida, mexem nas mãos, braços e pernas porque estão excitados e felizes, começam por falar e repetir os sons das vogais que ouvem das conversas.

Conclui que a Y. ao brincar com as suas mãos estava a brincar e experimentar o seu corpo, usando uma forma de comunicação com uma linguagem verbal e exprimiu o que sentia.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

15

Situação: Exploração livre na piscina de bolas.

Data: 1 de abril de 2013.

Hora: 9:50h (aproximadamente 5 minutos).

Local: Sala de atividades do berçário.

Intervenientes: Estagiária e bebés H. e K.

Sexo: Masculino e feminino.

Idade: 11 e 12 meses.

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>O bebé H. estava debruçado sobre a piscina de bolas, agarrando-se a um dos lados com as duas mãos.</p> <p>A bebé K. estava sentada ao seu lado, segurando um cavalinho de corda fazendo-o arrastar pelo chão.</p> <p>O H. largou a piscina e caiu para trás, não se magoando nem chorando, virou a cabeça na direcção do cavalinho e gatinhou até junto do mesmo, tendo a K. feito igual.</p> <p>O H. agarrou o brinquedo e sentou-se no chão, a K. tirou-lhe o cavalinho e o bebé H. puxou de novo o brinquedo para si.</p> <p>A K. chorou e apertou o braço ao bebé H.</p>	<p>O bebé H. mostrou ser capaz de se deslocar com intenção para o objeto que lhe chamou à atenção, que neste caso foi o cavalinho.</p> <p>A bebé K. imitou o comportamento da outra criança.</p>

<p>Interferi e coloquei a K. dentro da piscina de bolas. Esta deu pontapés provocando agitação dentro da piscina.</p> <p>O bebé H. continuou a explorar o brinquedo deixando-o cair. Gatinhou para a piscina e debruçou-se sobre a mesma e “mergulhou” lá para dentro, ficando deitado de barriga para baixo, sobre as bolas.</p> <p>Riu-se e a bebé K. deu pontapés nas bolas, fazendo com que estas se deslocassem. O H. sentou-se ao lado da K. e olharam um para o outro. A K. agarrou numa bola amarela e deu-a ao H. que lhe estendeu a mão.</p> <p>Os dois bebés sorriram.</p>	<p>A K. espontaneamente mostrou ser capaz de levar o objecto (bola), ao bebé H., mostrando sentimentos de afeto.</p> <p>Julgo que a piscina de bolas é um espaço, onde as crianças podem explorar objetos diversificados e desenvolverem a relação de pares.</p>
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>Ambas as crianças demonstraram serem capazes de expressar emoções através da sua face e corpo, usando igualmente o contato físico como forma de comunicar e exprimir o que sentiam.</p> <p>As duas crianças demonstraram que são capazes de, a partir de um interesse comum (o gosto pelo mesmo brinquedo) estabelecer um relacionamento simples, envolvendo interações, olhares e formas de comunicação não-verbal.</p> <p>Segundo Post & Hohmann ao selecionar um determinado objeto entre vários, já mostra espírito de iniciativa e a criança ao chorar, já aprendeu a expressar emoções.</p>	

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

16

Situação: Hora da refeição.

Data: 8 de abril de 2013.

Hora: 11:00h (aproximadamente 5 minutos).

Local: Sala do berçário.

Intervenientes: Estagiária e bebé D.

Sexo: Masculino.

Idade: 7 meses.

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>Por volta das 11 horas o bebé D. começou a esfregar os olhos e quando reparou que o almoço estava na mesa começou a chorar. Comecei por dar a refeição a outro bebé, visto ter chegado mais cedo à creche. O D. continuou a chorar e a bater com as pernas alternadamente.</p> <p>Quando acabei de dar o almoço ao bebé A., peguei no bebé Dinis ao colo, abracei-o e calou-se.</p> <p>Dei-lhe o almoço, sopa e fruta, e enquanto lhe dava a sua refeição o D. fixava-me com o seu olhar sorrindo. Quando acabei de lhe dar o almoço, sentei o D. no tapete e ficou calmo a brincar.</p>	<p>Julgo que esta situação do D. ao chorar, esfregar os olhos e bater com as pernas, poderia ter sono ou fome.</p> <p>No entanto este bebé sempre que chega a hora da refeição tem este comportamento, mesmo que tenha tomado o pequeno-almoço tarde.</p>

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Esta rotina não é apenas comer, é comunicar com o bebê, abraça-lo e respeitar o seu ritmo e tempo.

“Quando se responde ao choro da fome de um bebê, com um biberão de leite

e com os braços reconfortantes de um educador simpático a criança é capaz de crescer e desenvolver porque aprende a confiar no mundo, como um local onde as pessoas reconhecem e respondem às suas necessidades

(Jacalyn, Post et al,2003;221)

O bebê D. antes de entrar para a creche, fazia intervalos entre as refeições de 2 horas, havendo por isso uma mudança da sua rotina.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

17

Situação: Exploração com materiais.

Data: 15 de abril de 2013.

Hora: 10:25h (aproximadamente 3 minutos).

Local: Sala de atividades do berçário.

Intervenientes: Estagiária e bebé D.

Sexo: Masculino.

Idade: 7 meses.

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>O bebé D. estava sentado no tapete junto de duas almofadas grandes rodeado por bolas amarelas, e próximo das mesmas encontrava-se um fantoche de mãos (pano) e de várias cores.</p> <p>O D. agarrou e levou-o à boca, olhando intensamente para as suas cores.</p> <p>Sorriu, olhou para mim e retribuí-lhe o olhar com um sorriso. Sem largar o fantoche agitou as pernas fazendo com que as bolas amarelas deslizassem.</p> <p>O bebé olhou atentamente para as bolas e largou o fantoche.</p> <p>Voltou a agarrar no fantoche e pôs a etiqueta na boca, explorou e virou-o ao contrário. Deixou o fantoche cair, que ficou fora do seu campo de visão, virou a</p>	<p>Verifiquei que o bebé ao interagir com o fantoche de pano, teve bastante prazer na sua exploração, devido às suas cores vivas. Saliento ainda a interacção entre o bebé e eu, através da troca de olhares e sorrisos.</p>

<p>cabeça para trás na direção do fantoche, ficou um pouco rabugento e chorou. Agitou as pernas, inclinou-se para a frente ficando de barriga para baixo, alcançou uma bola amarela e começou a explorá-la ficando bem-disposto.</p>	
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>De acordo com Dulce Rebelo e Maria Augusta Seabra Dinis, se sorrirmos com ternura para um bebê, ele começa a olhar fixamente para o adulto, demonstrando alegria, batendo com os braços e pernas, acabando mesmo por sorrir.</p> <p>O D. apesar de estar a interagir sozinho com os materiais, olhava atentamente para mim, estabelecendo vínculos de confiança e estabilidade emocional.</p>	

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

18

Situação: Exploração de imagens reais de animais.

Data: 24 de abril de 2013.

Hora: 10:00h (aproximadamente 4 minutos).

Local: Sala de atividades do berçário.

Intervenientes: Estagiária e bebês A. e M.

Sexo: Masculino e feminino.

Idade: 11 e 14 meses.

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<p>Por volta das 10 horas da manhã, sentei-me no tapete ao lado do bebê A. que explorava os brinquedos que se encontravam perto de si.</p> <p>A bebê M. encontrava-se a andar pela sala, puxando um brinquedo em forma de cão.</p> <p>O A. interrompe o que estava a fazer e olha para a M.</p> <p>Chamei-a e disse-lhe: “mostra o cão à Dina”.</p> <p>A M. sorriu e empurrou o brinquedo para longe do meu alcance. Levantei e dirigi-me ao armário da sala, de onde retirei cartões com imagens reais de animais. Uma das imagens era um cão, sentei-me novamente e a M. sem que a tivesse</p>	<p>Julgo ter contribuído para um momento de conquista de mais uma palavra para a M., mostrando-lhe os cartões com imagens reais dos animais.</p> <p>Para a bebê M. foi a primeira vez que vocalizou uma palavra associada a uma imagem.</p>

<p>chamado, aproximou-se de mim e sentou-se no tapete ao meu lado e mostrei-lhe a imagem do cão e disse-lhe: “olha o cão!”.</p> <p>A M. tirou o cartão do meu colo e olhou para a imagem e disse: “cão!”.</p> <p>Respondi-lhe: “linda!”, e bati palmas.</p> <p>A M. continuou a explorar os cartões repetindo várias vezes a palavra cão, sempre com o A. a observa-la.</p>	
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>Concluo que estes momentos são muito importantes, tendo em conta que as crianças através da sua curiosidade natural, descobrem o meio que as rodeia.</p> <p>A M. já compreende o significado de algumas palavras mesmo não as conseguindo pronunciar.</p> <p>Segundo Post, Hohmann:2003, as crianças aprendem a reter informações através da representação criativa (imagem de animal).</p>	